



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

HELDER GOMES COSTA

**OS EVENTOS E OS LUGARES NA CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO
GEOGRÁFICO**

Porto Nacional, TO

2022

Helder Gomes Costa

Os Eventos e os Lugares na Construção do Raciocínio Geográfico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Porto Nacional - TO, como requisito para à obtenção do grau de mestre em Geografia, área de concentração Dinâmica Geoterritorial e Geoambiental e linha de pesquisa Ensino de Geografia.

Orientadora: Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira

Porto Nacional, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

G633e Gomes Costa, Helder.

Os Eventos e os Lugares na Construção do Raciocínio Geográfico. / Helder Gomes Costa. – Porto Nacional, TO, 2022.
94 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Geografia, 2022.

Orientadora : Carolina Machado Rocha Busch Pereira

1. Situação Geográfica. 2. Mundo. 3. Espaço Geográfico. 4. Geografia. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Helder Gomes Costa

**OS EVENTOS E OS LUGARES NA CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO
GEOGRÁFICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, campus Porto Nacional. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data da aprovação: 26/05/2022

Banca examinadora:

Profa. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira, UFT

Profa. Dra. Marcileia Oliveira Bispo, UFT

Profa. Dra. Vanessa Lessio Diniz, UFNT

Dedico este trabalho ao meu filho, ao meu pai e à minha mãe que sempre me apoiaram, Davi Nunes Costa, Maria Santana Gomes e Carlindo Costa.

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a todos e a todas que de alguma maneira contribuíram para conclusão desta dissertação.

Ao meu pai e à minha mãe, Dona Santana e Seu Carlindo, por todo amor, cuidado, incentivo e apoio durante toda vida, sou eternamente grato por todas as palavras e orações que muito ajudaram trilhar esse caminho da busca por conhecimento.

Às minhas irmãs Ellen Kaylla e Karla Elane, por entender minhas ausências e por sempre estarem ao meu lado nos momentos em que eu mais precisei, o nosso elo é o amor.

À minha querida companheira de vida e de profissão, Janeth Mascarenhas, por todo cuidado, amor, atenção, companheirismo e respeito, antes e durante o processo de escrita desta dissertação, agradeço por compreender os meus momentos de ausências, agradeço também por ter me presenteado com o maior dos amores, o nosso pequeno Davi.

Ao Davi, meu querido e amado filho, que mesmo tão pequeno me acompanhou e me deu ainda mais forças para continuar nessa caminhada, sou eternamente grato a Deus por sua vida.

Aos meus avôs, Antônio e José (*In memoriam*) que indiretamente contribuíram para seguir os meus sonhos.

Às minhas avós, Iraci e Conceição que sempre incentivaram a continuar no caminho da educação.

Às minhas tias e aos meus tios, por todo amor que marcaram nossos encontros.

À minha orientadora Carolina Machado Rocha Busch Pereira, por todos esses anos de companheirismo acadêmico, por ter me ensinado que a docência é um processo, que desde o início entendeu as minhas limitações, mas que sempre buscou o melhor que eu poderia oferecer.

Ao Professor Denis Carloto, que foi meu orientador de TCC da graduação em Geografia, foi ele que me apresentou os textos de Milton Santos, e que a partir daí tornou-se minha principal referência intelectual.

À Professora Marcileia Oliveira Bispo, que acompanhou de perto meu caminhar acadêmico, que sempre me incentivou e inspirou, principalmente por também ser cristalandense como eu.

À Professora Vanessa Lessio Diniz, por ter aceitado a participar da defesa final e pelas contribuições na defesa do relatório de qualificação.

À CAPES, pelo apoio financeiro durante a etapa do mestrado.

Agradeço a todos os amigos e amigas que me apoiaram nesse processo, não irei citar nomes para não causar a injustiça de esquecer algum nome nesse momento. Entretanto, agradeço por terem me acompanhado em todos os momentos felizes e complicados da vida de um pós-graduando.

Agradeço à Deus por ter me dado forças para continuar, certamente sem ele eu teria desistido, foi ele que me trouxe até aqui, mesmo sem capacidade física e mental.

RESUMO

Vivemos em um mundo que está em constante transformação, por essa razão, se faz necessário buscar formas para compreendê-lo no âmbito geográfico. Ou seja, nesse cenário a Geografia possibilita a compreensão dessas transformações ocorridas cotidianamente que impactam os lugares em que vivemos. O presente trabalho apresenta algumas reflexões teóricas sobre os eventos e os lugares na construção do raciocínio geográfico na escola. Para isso, utilizamos como principal fonte teórica Milton Santos (1996). A partir da teoria deste autor buscamos estabelecer relações entre lugar, mundo e eventos geográficos na construção do raciocínio geográfico. O trabalho tem como principal objetivo refletir sobre educação geográfica com base na construção do raciocínio geográfico a partir das situações geográficas que revelam os eventos e lugares. Esta investigação inicia-se com reflexões teóricas sobre os conceitos de espaço geográfico, lugar, evento e situação geográfica; posteriormente realizamos uma reflexão teórica em busca de uma definição para o conceito de raciocínio geográfico, para isso buscamos na epistemologia do conhecimento geográfico as matrizes teóricas de entendimento dos princípios geográficos que são essenciais para a construção desse raciocínio que é particularmente geográfico. Por fim, apresentamos duas propostas didáticas para serem trabalhadas nas aulas de Geografia. Essas propostas possuem a potencialidade de ensinar Geografia por meio dos conceitos teóricos de Milton Santos objetivando a construção do raciocínio geográfico no âmbito escolar.

Palavras-chaves: Situação Geográfica. Mundo. Espaço Geográfico. Geografia. Escola.

ABSTRACT

We live in a world that is in constant transformation, for this reason, it is necessary to look for ways to understand it in the geographic scope. That is, in this scenario, Geography makes it possible to understand these transformations that occurred daily that impact the places where we live. The present work presents some theoretical reflections on events and places in the construction of geographic reasoning at school. To this end, we used Milton Santos (1996) as the main theoretical source. Based on this author's theory, we seek to establish relationships between place, world, and geographic events in the construction of geographic reasoning. The main objective of this work is to reflect on geographic education based on the construction of geographic reasoning from geographic situations that reveal events and places. This investigation begins with theoretical reflections on the concepts of geographic space, place, event, and geographic situation; later we carry out a theoretical reflection in search of a definition for the concept of geographic reasoning, for that we search in the epistemology of geographic knowledge the theoretical matrices of understanding of the geographic principles that are essential for the construction of this reasoning that is particularly geographic. Finally, we present two didactic proposals to be worked on in Geography classes. These proposals have the potential to teach Geography through the theoretical concepts of Milton Santos, aiming at the construction of geographic reasoning in the school scope.

Keywords: Geographical Situation. World. Geographic space. Geography. School.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Kahoot – Empresas.....	78
-----------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Banco Digital de Teses e Dissertações

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

LABUTO - Laboratório de Pesquisa em Geografia Política e Usos do Território Brasileiro

LEGEO - Laboratório de Pesquisa em Metodologias e Práticas de Ensino de Geografia

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID - Programa Institucional de Iniciação à Docência

SD - Sequência Didática

UFT - Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO GEOGRÁFICO, EVENTO, LUGAR E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA.....	18
2.1 O espaço geográfico enquanto objeto de estudo	18
2.2 Reflexões teóricas sobre o Lugar	23
2.3 O desafio de pensar sobre os eventos na Geografia	29
2.4 A situação geográfica como método e metodologia.....	33
2.5 A relação entre espaço geográfico, evento, lugar e situação geográfica para compreensão da realidade	38
3 EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PAUTADA NA CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO	43
3.1 Os princípios do raciocínio geográfico	43
3.2 Raciocínio geográfico.....	50
3.3 A educação geográfica e a importância em raciocinar geograficamente	56
3.3.1 Ensino de geografia e a força do lugar	58
3.3.2 A importância da investigação, problematização e argumentação para o ensino de geografia	63
4 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM BASE NOS EVENTOS E LUGARES	71
4.1 Considerações sobre o PCK no Ensino de Geografia Brasileiro	71
4.2 Fundamentos Práticos das Sequências Didáticas.....	74
4.2.1 Proposta 1 – Empresas Multinacionais	75
4.2.2 Proposta 2 – Eventos Geográficos	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	86

1 INTRODUÇÃO

A Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, tanto na Geografia acadêmica (SANTOS, 2017), quanto na Geografia escolar (CAVALCANTI, 2019). Segundo Santos (2017) o espaço geográfico é o objeto de estudo da ciência geográfica, sendo definido como conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações, cuja totalidade é o mundo. De acordo com Cavalcanti (2019) o espaço deve ser concebido como um produto social e histórico, conceito-chave para ensinar Geografia na escola.

As técnicas e as ações do mundo passam continuamente por mudanças. Nesta lógica, é possível afirmar que o mundo modificou a vida das pessoas em quase todos os lugares, refere-se a uma relação intrínseca entre mundo e lugar.

Essa transformação do mundo é uma das principais características do atual período técnico-científico-informacional. Esse período é caracterizado pelo processo de globalização que é resultado da internacionalização do modo de produção capitalista (SANTOS, 2013). Assim sendo, esse processo resultou no aumento de produção e distribuição dos fixos e conseqüentemente dos fluxos pelo mundo. Com isso, “os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos” (SANTOS, 2017, p. 61).

Pensando no processo de globalização, Santos (2013) considera a existência de três principais mundos. Primeiro, o mundo como fábula, considerado como um feixe de fantasias, carregadas de intencionalidades e que resulta no mundo de fabulações. Em segundo, a globalização se apresenta como ela é considerada como perversidade, essas perversidades se impõem na maior parte da população mundial. Por fim, em terceiro, o mundo pode ser pensado como possibilidade, por meio de uma globalização mais humana e solidária.

O motor que move esse projeto de dissertação é a possibilidade. Ainda há possibilidade de construir um mundo melhor, pautado na humanidade, coletividade, solidariedade e na coexistência. Para isso, também é necessário ação, compreensão e reflexão sobre os eventos, lugares e conseqüentemente, sobre o mundo.

Esta dissertação busca-se apresentar reflexões teóricas e práticas sobre espaço geográfico, lugar, eventos, situação geográfica na construção do raciocínio geográfico. Para compreensão desse tema utiliza-se como principal base teórica a obra de Milton Santos.

O crescimento das pesquisas na área do ensino de Geografia nos últimos anos revela o interesse de vários pesquisadores em defender a Geografia como disciplina escolar (CAVALCANTI, 2016; PINHEIRO, 2005). Esse empenho enfatiza a importância e relevância que a área de ensino tem assumido nos últimos anos no Brasil.

Segundo Callai (2005) a tarefa da Geografia na escola é oportunizar o estudante a conhecer o mundo do presente. Por meio da Geografia o estudante pode aprender a ler, entender e viver neste novo mundo, que é cada vez mais dinâmico e diverso. Essa compreensão é pautada pela realidade global, que infelizmente é cada vez mais perversa para grande parte da população mundial. Portanto, a Geografia, por conter múltiplas abordagens de ensino e aprendizagem, destaca-se enquanto ciência escolar. Essa disciplina atualmente deve ajudar a formar o cidadão do mundo, esse cidadão precisa aprender a ser capaz de desconstruir fábulas, combater as perversidades e construir um mundo de boas possibilidades.

Por isso há importância em destacar a potencialidade da categoria lugar na educação geográfica. Cavalcanti (2009, p. 144) nos alerta ao afirmar que “o lugar deve ser referência constante para se encaminhar as atividades de ensino de Geografia”. Contudo, vale destacar que o lugar é entendido aqui como espaço do acontecer solidário (SANTOS, 2014a). Para Straforini (2001, p. 2) “esse lugar tem que ser entendido como sendo o ponto de encontro de lógicas locais e globais, longínquas e próximas, conforme nos ensina o Professor Milton Santos”.

Seguindo esta lógica de pensar os lugares, defende-se a relação dialética entre lugar e mundo. Fica evidente essa relação na afirmação de Santos (2013, p. 339) em enfatizar que, “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2013, p. 339).

Segundo Santos “o lugar é o depositário final, obrigatório do evento” (2017, p. 144). Portanto, é nos lugares que os eventos se materializam. Um evento é “instante

do tempo dando-se em um ponto do espaço” (SANTOS, 2017, p. 144). Desta maneira, os eventos se concretizam nos lugares.

Diante dessas considerações, o lugar e os eventos mostram-se importantes para um debate no âmbito do ensino de Geografia. Por isso, a partir dessa contextualização, surgiram alguns questionamentos: Qual a relação entre raciocínio geográfico, evento e lugar? Quais são os fatores que são evidenciados no evento para pensar os lugares? De que forma a Geografia presente na BNCC nos ajuda a compreender o mundo do presente a partir da relação Evento - Lugar – Situação Geográfica? Como os lugares e os eventos podem contribuir para compreensão das situações geográficas a partir da BNCC?

Considerando as questões iniciais, entende-se que a problemática central do trabalho é: Qual a contribuição do estudo sobre o evento, lugar e situação geográfica para a construção do raciocínio geográfico nos anos finais do ensino fundamental?

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral refletir sobre educação geográfica com base na construção do raciocínio geográfico a partir das situações geográficas que revelam os eventos e lugares. Especificamente objetiva-se: refletir sobre o espaço geográfico enquanto objeto de estudo da Geografia e investigar a relação entre espaço geográfico, eventos, lugar e situação geográfica para compreensão da realidade; compreender sobre a educação geográfica com base na articulação com princípios do raciocínio geográfico; propor sequências didáticas para construção do raciocínio geográfico com base em eventos que criam o lugar.

O estudo sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) passa a ser de fundamental importância, sobretudo porque refere-se sobre o documento norteador de currículos da educação básica de todo o país. Esse documento está sendo implementado em todo o território brasileiro, nas escolas públicas e privadas desde 2018.

Identificando a relevância que a BNCC tem, destaca-se a necessidade de indicar um referencial teórico com potencialidade de ser trabalhado em sala de aula, com intuito de melhor propor situações didáticas que buscam auxiliar o professor de Geografia.

Nesse sentido, as reflexões teóricas escolhidas para esse trabalho tiveram início ainda na graduação por meio da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Na qual, defendi o trabalho intitulado Escola Como Espaço do Acontecer Solidário: reflexões sobre o lugar. Este texto possibilitou as reflexões preliminares e iniciais sobre o mundo, o lugar e a função social da escola a partir de matrizes teóricas que nesta pesquisa ganham ainda mais força e aprofundamento, e por esta razão grande parte dessas ideias, estão expostas nesta pesquisa.

Diante disso, o interesse de pesquisa surge da relação entre as vivências da graduação em Geografia, práticas profissionais enquanto fui professor da educação básica, mais especificamente no ensino fundamental anos finais, e também as leituras e reflexões que foram realizadas para a escrita desta dissertação

A escolha da temática e dos autores citados foi bastante influenciada pela vivência durante a graduação junto ao grupo de pesquisa do Laboratório de Pesquisa em Geografia Política e Usos do Território Brasileiro (LABUTO), coordenado pelo Professor Dr. Denis Ricardo Carloto, onde foram realizadas as primeiras leituras e discussões em torno da obra do Professor Milton Santos. Reconhecendo a importância da matriz teórica identificou-se a necessidade de aprofundar esse debate teórico metodológico em aproximação com a BNCC, posto nosso interesse em pesquisar o ensino de Geografia.

As leituras também foram se diversificando em conjunto durante os colóquios de orientação com a orientadora. Atualmente, investir no estudo da BNCC é um desafio, por se tratar de um documento complexo. Por isso, o interesse em propor situações didáticas a partir dos eventos e lugares, essa é uma possibilidade de ensinar e aprender Geografia com intuito de construção do raciocínio geográfico.

A realização dessa pesquisa foi motivada na busca de compreender como os eventos e lugares podem contribuir na construção do raciocínio geográfico. Buscando entender como esse processo de ensino-aprendizagem pode ser significativo, para os professores da educação básica como também para os estudantes.

A pesquisa ao estruturar-se a partir da matriz teórica do pensamento de Milton Santos, encontra um caminho metodológico a partir das categorias de análise forma, função, estrutura e processo de Santos (2014b) na qual o autor destaca a

inseparabilidade dessas categorias para compreensão da totalidade. Essas quatro categorias nos permitem desvendar os eventos e lugares na compreensão da realidade. Com base nesse entendimento, destaca-se a necessidade de construção do raciocínio geográfico. Esse raciocínio será pautado na articulação entre os princípios geográficos, categorias e conceitos.

Considera-se como totalidade a relação entre forma, função, estrutura e processo. Sendo que a forma é considerada o aspecto visível do espaço, e possibilita a descrição do evento. A função está intimamente direcionada a forma, corresponde a ação sobre o evento. Já a estrutura equivale a inter-relação das partes do todo, iguala-se ao modo de organização do evento. Para o entendimento do processo é necessário a consideração do tempo, o evento é um processo de movimento e continuidade, que resulta em mudança.

Portanto, “a totalidade do real, implicando um movimento (processo) comum de estrutura, função e forma, é a totalidade concreta e dialética” (SANTOS, 2014b, p. 78). Nesse sentido, é evidente que forma, função, estrutura e processo devam ser considerados como indissociáveis categorias de análise da totalidade. As quatro categorias serão utilizadas como recurso de método que vai dar suporte na análise sobre habilidades e eventos.

Também vale destacar a cartografia nesse processo. Considera-se a cartografia enquanto linguagem Castellar (2017) no processo de ensino-aprendizagem. Defende-se a utilização das representações nas aulas de Geografia como imprescindível ferramenta para a articulação dos princípios geográficos no processo de construção do raciocínio geográfico. Portanto, o uso de mapas e de outras representações, nos possibilita o exercício de raciocinar geograficamente o mundo a partir da visualidade.

Com base em Vidal de La Blache e Elisée Reclus, Gomes (2017) destaca a importância em utilizar os mapas nas aulas de Geografia. Portanto, “a Geografia é reconhecidamente uma disciplina visual, e sua história se apresenta assim como um grande e valioso campo de reflexão” (GOMES, 2017, p. 142). Nesse sentido, o mapa também possibilita a compreensão e articulação dos princípios geográficos como suporte para construção do raciocínio geográfico.

Esta pesquisa baseia-se em procedimentos metodológicos pautados em revisão bibliográfica, pesquisa documental e elaboração de propostas didáticas segundo habilidades escolhidas na BNCC a partir da relação evento-lugar-situação geográfica.

O levantamento bibliográfico voltou-se na escolha, leitura e reflexão de textos dos teóricos que abordam raciocínio geográfico, evento, lugar, espaço geográfico, mundo, globalização, situação geográfica, BNCC e educação geográfica. Para essa reflexão foram analisadas teses, dissertações, artigos e livros sobre os referidos assuntos da dissertação.

Sobre a pesquisa documental, o trabalho é voltado à análise da Base Nacional Comum Curricular no componente curricular Geografia. A partir da análise, escolhemos duas propostas a partir da BNCC do ensino fundamental anos finais. Nesse contexto, elaboramos duas propostas que estão baseadas na relação: evento, lugar, espaço geográfico, mundo, globalização, situação geográfica, BNCC e educação geográfica na construção do raciocínio geográfico.

A elaboração da sequência didática será voltada para construção do raciocínio geográfico seguindo a lógica da BNCC no entendimento sobre os eventos e lugares baseado na forma, função, estrutura e processo, categorias de análise da totalidade.

O trabalho está dividido em três capítulos principais. O primeiro capítulo é voltado para reflexão epistemológica sobre espaço geográfico, eventos, lugar, situação geográfica, raciocínio geográfico fundamentado com base em Gomes (2013, 2017); Santos (2013, 2014a, 2014b e 2017); Silveira (1999, 2012); Souza (2006, 2017).

O segundo capítulo está direcionado à reflexão sobre educação geográfica com base na resolução de problemas, investigação científica e argumentação na articulação com os princípios do raciocínio geográfico. Essa reflexão é baseada em Callai (2009, 2017); Castellar (2011, 2017, 2019); Cavalcanti (2009, 2019); Duarte (2016); Leite (2011); Moraes (2010); Pereira (2018); Roque Ascensão (2020); Straforini (2001).

O terceiro capítulo da dissertação reúne a empiria do trabalho e nele estão apresentadas sequências didáticas para práticas geográficas anos finais do ensino fundamental. Essas sequências didáticas possuem a intenção de apresentar duas

propostas didáticas para prática do professor na sala de aula. A intenção aqui é, longe de ser a melhor ou a única forma de ensinar Geografia. Busca-se apresentar possibilidades didáticas em sala de aula com objetos de conhecimento geográficos que possam efetivamente proporcionar uma reflexão amparada no raciocínio geográfico, onde estudantes consigam compreender geograficamente o mundo do presente.

2 RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO GEOGRÁFICO, EVENTO, LUGAR E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

2.1 O espaço geográfico enquanto objeto de estudo

Toda e qualquer ciência possui objeto de estudo, categorias e conceitos, dentre outros atributos que formam o estatuto epistemológico. A ciência geográfica também é formada por um conjunto de princípios, categorias e conceitos. Assim como a História possui o tempo como um singular objeto de estudo, a Geografia possui o espaço geográfico como objeto central de estudo.

Uma das particularidades da Geografia é a potencialidade de pensar o presente. Souza (2017) ainda destaca a singularidade da Geografia ser uma ciência que deve se atentar com a compreensão do mundo do presente.

Para o avanço metodológico e epistemológico da Geografia é necessário compreender o presente, sem esquecer o passado. Para a autora “a geografia é uma luz para a compreensão do mundo de hoje e será feita, necessariamente, por quanto estejam interessados em conhecer o presente e propor o futuro” (SOUZA, 2018, p. 27). Essa preocupação da Geografia em pensar o presente revela o elo entre espaço e tempo. Para Santos (2014b, p. 63) “a geografia deve preocupar-se com as relações presididas pela história corrente”.

Sem dúvida, cabe destacar inicialmente que o sentido de espaço passa a se tornar indissociável do tempo. Nessa perspectiva, a noção de espaço deve estar sempre inseparável da dimensão temporal, isto porque para Santos (2014b, p. 9), “o espaço é a acumulação desigual de tempos”. Portanto, espaço e tempo possuem uma relação imbricada e primorosa.

Milton Santos cita Reclus sobre a ligação entre espaço e tempo ao afirmar que “a geografia é a história no espaço e a história é a geografia no tempo” (SANTOS, 2017, p. 50). Continuando com essa relação, Souza (1994, p. 21) afirma que “é fundamental, inicialmente, considerar a relação intrínseca, a articulação obrigatória entre espaço-tempo, ao invés de apenas justapor um ao outro”.

Ao pensar na relação entre tempo e espaço destaca-se o atual momento de aceleradas transformações técnicas (SANTOS, 2014b). Segundo Santos (2013, p. 79) “no mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições”. Ao refletir sobre a globalização, esse processo nos direciona a pensar o período técnico-científico-informacional e conseqüentemente o espaço geográfico.

Na fase atual de globalização, o uso das técnicas conhece uma importante mudança qualitativa e quantitativa. Passamos de um uso “imperialista”, que era, também, um uso desigual e combinado, segundo os continentes e lugares, a uma presença obrigatória em todos os países dos sistemas técnicos hegemônicos, graças ao papel unificador das técnicas de informação (SANTOS, 2013, p. 52).

No atual período técnico-científico-informacional, adotamos o espaço geográfico referindo-se ao objeto da Geografia, elaborado por SANTOS (2017).

O espaço não é um conceito utilizado somente pela Geografia. Este conceito é também comumente usado pela Matemática, Filosofia, Física, Astronomia, História, Economia, entre outras ciências. Vale lembrar que o espaço em cada uma dessas ciências é considerado e trabalhado de forma diferente, cada qual possui sua singularidade ao estudar o espaço. Um exemplo é a Matemática que utiliza o conceito de espaço principalmente no ramo da geometria que o considera como espaço euclidiano.

Atualmente na Geografia o espaço é considerado como objeto de estudo por renomados autores. E ainda, o espaço também é destacado em diversos documentos curriculares do Brasil, principalmente porque a BNCC apresenta essa centralidade de discussão.

Com isso, destaca-se a necessidade em refletir sobre o espaço nas correntes da Ciência Geográfica. Segundo Corrêa (1995) na história do pensamento geográfico, inicialmente, destaca-se a Geografia Tradicional que estudou o espaço de forma relativa, sendo que nesse momento a Geografia privilegiou os estudos de região e paisagem. Na Geografia teórico-quantitativa, o espaço se torna conceito principal para alguns autores, nessa corrente o espaço é pensado pelo viés quantitativo. Já na Geografia humanista, o conceito mais relevante passa a ser o Lugar. Nessa

perspectiva, o espaço assume o significado de espaço vivido. Por fim, destaca-se a Geografia crítica que possui o espaço como o conceito mais importante.

Seguindo a última corrente, Milton Santos e alguns outros autores destacam a centralidade do espaço geográfico sendo o objeto de estudo da Geografia. Souza (2018) destaca que a discussão sobre o objeto da Geografia é a maior contribuição da obra de Milton Santos. A autora destaca que esse objeto de estudo é o espaço geográfico. Nesse sentido, “o espaço geográfico é uma instância, um conceito abstrato constituinte central do Método geográfico e seu objeto” (SOUZA, 2019, p. 7). Moreira também afirma que “o espaço é o objeto da geografia” (2020, p. 63).

Para Santos (2017, p. 63) “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistema de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Portanto, objetos e ações são indissociáveis, assim como espaço e tempo.

Nesse sentido, o espaço geográfico é entendido como uma totalidade em movimento (SANTOS, 2017). Para este autor o “tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora” (SANTOS, 2017, p. 54).

O tempo e o espaço são indissociáveis, por isso

a memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado (SANTOS, 2017, p. 330).

Por isso o espaço geográfico pode ser considerado um híbrido. Essa hibridez só se realiza segundo a relação indissociável entre objetos e ações. Por essa razão, os objetos e ações não podem ser tomados separadamente. Significa dizer que a esfera da ação é a psicosfera e o mundo dos objetos a tecnosfera (SANTOS, 2017). Trata-se da psicosfera e da tecnosfera operando de forma unitária. Por isso Santos afirma que “a ação não se dá sem que haja um objeto” (2017, p. 95). Portanto, existe um forte elo entre sistema de objetos e sistema de ações.

De acordo com Santos (2017, p. 312) “os objetos que constituem o espaço geográfico atual são intencionalmente concebidos para o exercício de certas

finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados”. Os objetos são consequência da produção social. Santos aponta que “toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico” (2017, p. 68). No atual período os objetos estão cada vez mais tecnológicos e eficazes. Esse momento pode ser entendido a partir do avanço das técnicas, resultando em uma unicidade técnica (SANTOS, 2013). Esse resultado é um dos pilares da produção da globalização.

Vale destacar que os objetos de interesse a Geografia não são apenas os objetos móveis, mas também os objetos imóveis (SANTOS, 2017). O conjunto de objetos móveis e imóveis constituem os objetos geográficos. Os objetos se tornam importantes para ciência geográfica, uma vez que a inseparabilidade entre objetos e ações resulta na definição de espaço geográfico.

Diante disso, vale considerar a importância das ações para compreendermos a totalidade do espaço geográfico. A ação é resultado de um objetivo humano. Portanto, “a ação é o próprio do homem. Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade” (SANTOS, 2017, p. 82).

As ações humanas se constituem a partir dos indivíduos, empresas e também de instituições. As ações humanas são dotadas de intencionalidades. Isto é, ações são um importante instrumento geográfico para entender a realidade.

Dessa maneira, para compreender o espaço geográfico, ações e objetos devem ser considerados de modo uno, ou seja, inseparável. Além disso, na atual globalização, o espaço geográfico é imprescindível para entender as desigualdades sociais, pois “como o espaço não é homogêneo, evoluindo de modo desigual, a difusão dos objetos modernos e a incidência das ações modernas não são as mesmas em toda parte” (SANTOS, 2013, p. 333).

Para compreensão do espaço geográfico cabe destacar a inseparabilidade dos objetos e ações. Isto é, considerar o espaço geográfico como uma totalidade em constante movimento.

Essa totalidade só é possível de ser alcançada a partir das categorias de forma, função, estrutura e processo. Por isso que “a totalidade é o conjunto de todas as

coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento” (SANTOS, 2017, p. 116).

No atual período de globalização, Santos (2017) nos alerta que o caminho para Geografia seria o enfoque da totalidade concreta a partir das relações entre a totalidade-mundo e os lugares. Para que isso seja possível é indispensável o movimento dialético entre universal e particular, para o estudo dos eventos e da divisão do trabalho. Não se trata das partes explicar o todo, ou dos lugares explicar o mundo, na verdade é a totalidade que explica as partes. Para Santos (2017, p. 116) “a totalidade é a realidade em sua integridade”, ou melhor “a totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento”. Portanto, totalidade é um processo. A totalidade está sempre se desfazendo para novamente se fazer, por mais esse motivo ela é considerada processo. Ao citar Sartre, Santos (2017, p. 119) afirma que “a totalidade está sempre em movimento, num incessante processo de totalização”.

A totalidade muito interessa a Geografia, pois uma situação geográfica trata-se de um movimento permanente e não de um resultado final. Por isso, temos que pensar na relação das categorias analíticas de forma, função, estrutura e processo como indispensáveis.

Para entendermos a totalidade a partir da forma, função, estrutura e processo é fundamental definir tais categorias. Essa definição baseia-se em Santos (2014b), ao destacar que a forma é a materialidade, são os objetos, os fixos. Refere-se ao aspecto visível do espaço, isoladamente, é possível apenas descrição em um determinado momento. A função está intimamente ligada aos objetos, ou melhor, a forma. Por isso forma e função são inseparáveis. A estrutura é o aspecto de organização, que proporciona o elo entre as partes de um todo. Já o processo é movimento de mudança, deriva da dimensão temporal.

Forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos, mas associados, a empregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade (SANTOS, 2014b, p. 71).

Para Souza (2018) o espaço geográfico é entendido como instância social e como uma totalidade em movimento. Por isso, “nesta perspectiva, lugar e mundo convergem e se explicam [...] pela noção de totalidade” (SOUZA, 2006, p. 172). Esse é um dos maiores desafios da Geografia, compreender a totalidade do mundo. Portanto, “tudo começa com o conhecimento do mundo e se amplia com o conhecimento do lugar, tarefa conjunta que é hoje tanto mais possível porque cada lugar é o mundo” (SANTOS e SILVEIRA, 1997, p. 16).

De acordo com Santos (2017), existem três tipos de totalidades, a primeira sendo a totalidade mundo, que além de ser concreta é também empírica. A segunda, é a totalidade de um país. E por fim, a terceira é a totalidade do lugar, essa é a que mais nos interessa, mesmo sabendo da importância das demais para a verdadeira totalidade do mundo globalizado.

Esta parte do estudo segue a seguinte ordem de abordagem, o espaço geográfico, mundo, lugar e eventos para compreender a totalidade espacial da Geografia. Antes de destacarmos o Lugar neste trabalho, se faz necessário compreender Santos (2017) quando ele destaca seis categorias internas, entre elas, paisagem, configuração territorial, divisão territorial do trabalho, espaço produtivo, rugosidades e formas-conteúdo. Milton Santos também considera região, lugar, redes e escalas como recortes espaciais.

Neste sentido, o lugar é considerado um recorte espacial e não uma categoria geográfica. Mesmo não considerando o lugar como uma categoria, as obras de Milton Santos e de Maria Adélia Aparecida de Souza possuem um destaque para o estudo do lugar. Para reforçar a força do lugar, é essencial estudá-lo a partir da relação com outros lugares. No mundo em que vivemos atualmente é impossível pensar o lugar pelo próprio lugar, mas sim a relação entre lugar-lugares-mundo.

2.2 Reflexões teóricas sobre o Lugar

Atualmente estudar o lugar é uma tarefa complexa. Com as grandes transformações do atual período técnico-científico-informacional, o mundo nos impõe muitos desafios, sem dúvida, um deles é de como compreender os lugares.

A complexidade em estudar o lugar é conhecida pelos geógrafos. Todavia, é essencial superar esse obstáculo na tentativa de contribuir para a compreensão deste conceito fundamental para a ciência geográfica.

Na Geografia, o lugar assume relevância, sobretudo porque há uma diversidade de autores e teorias que buscam avançar neste estudo. A partir de tais premissas anteriores, este tópico aborda o lugar enquanto recorte espacial do espaço geográfico. Em outras palavras, realizaremos uma abordagem teórica sobre o lugar principalmente seguindo o pensamento de Milton Santos.

Um alerta inicial é a distinção entre lugar e local. Para Santos (2014b, p. 13) “não confundir localização e lugar. O lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E lugar é o objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar”. Esses dois conceitos não são sinônimos, eles possuem definições diferentes. Portanto, “para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte” (SANTOS, 2017, p. 314).

A importância da relação entre mundo e lugar é destacada na obra de Santos (2013, p. 337), o autor ressalta que “o mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares”. Portanto, o lugar é o espaço da diversidade, oportunidade e da solidariedade.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2017, p. 322).

Santos também ressalta que “é o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do lugar” (2013, p. 338). Mais uma vez o elo entre mundo e lugar foi evidenciado. Por esse motivo, “hoje, cada vez mais, os lugares são condição e suporte de relações globais que, sem eles (lugares), não se realizariam” (SANTOS, 2017, p. 35). Nesse sentido, “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2013, p. 339). Atualmente, não existe conhecimento do mundo sem conhecimento dos lugares, e não existe

conhecimento dos lugares sem conhecimento do mundo. Essa relação dialética é uma forma de explicar o atual período técnico-científico-informacional.

Nisso, o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro da vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2013, p. 114)

Com a globalização os lugares também se globalizaram. Vale lembrar que essa globalização é seletiva e desigual, sobretudo porque alguns lugares são mais modernos e complexos que outros. Conseqüentemente, existem lugares mais modernos e tecnológicos e lugares mais rudimentares e simples.

Ou seja, nos lugares mais modernos há a concentração técnica, marcado pela luminosidade, que possuem rapidez, fluidez e densidade. Por outro lado, os espaços rudimentares são conhecidos como espaços opacos, que possuem lentidão, viscosidade, rarefação e menor carga tecnológica. Esse conjunto de características formam assim as singularidades dos lugares.

Com a modernização contemporânea, todos os lugares se mundializam. Mas há lugares globais simples e lugares globais complexos. Nos primeiros, apenas alguns vetores da modernidade atual se instalam. Nos lugares complexos, que geralmente coincidem com as metrópoles, há profusão de vetores: desde os que diretamente representam as lógicas hegemônicas, até os que a elas se opõem. São vetores de todas as ordens, buscando finalidades diversas, às vezes externas, mas entrelaçadas pelo espaço comum. Por isso a cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar. Nos tempos de hoje, a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir (SANTOS, 2017, p. 322).

Ao mesmo tempo em que os lugares são singulares, eles também são plurais. Sobretudo porque existe uma diversidade dentro da particularidade que é o lugar. Nos lugares há pessoas, instituições e empresas diversas.

No atual momento, “cada vez mais, os lugares são condição e suporte de relações globais” (SANTOS, 2014a, p. 156). Uma outra possibilidade de compreender o mundo é considerá-lo como um conjunto de pluralidades e singularidades dos lugares. Pluralidade nas perspectivas culturais, econômicas, políticas, populacionais, dentre outras. A singularidade no sentido de diferença entre lugares, nenhum lugar é igual a outro, há sempre particularidades entre eles. Dessa maneira, “os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles

são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares” (SANTOS, 2013, p. 112).

Vale destacar que os lugares não são homogêneos, mas sim, heterogêneos. Portanto, “isso resulta do fato de que cada lugar é uma combinação de técnicas qualitativamente diferentes, individualmente dotadas de um tempo específico – daí as diferenças entre lugares” (SANTOS, 2014b, p. 24).

É a ação que une o universal ao particular. Levando o universal ao lugar, cria uma particularidade. E esta sobrevive como particular, ao movimento do todo, para ser ultrapassada pelos novos movimentos. A particularidade ultrapassada precede a universalidade atual e sucede à universalidade defunta. Há, pois, um movimento interativo no qual particularidade e universalidade fertilizam-se mutuamente (SANTOS, 2017, p. 124).

Neste sentido, o lugar é o espaço do acontecer solidário ou um subespaço (SANTOS, 2014a). O lugar é a possibilidade da solidariedade, da coletividade e do bem comum. Santos (2014a, p. 158) cita Durkheim ao afirmar que “a noção, aqui, de solidariedade, é aquela encontrada em Durkheim e não tem conotação ética ou emocional. Trata-se de chamar a atenção para a realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum”. Ao refletir sobre o espaço do acontecer solidário, destaca-se o lugar enquanto três modos

O acontecer homólogo é aquele das áreas de produção agrícola ou urbana, que se modernizam mediante uma informação especializada, gerando contiguidades funcionais que dão os contornos da área assim definida. O acontecer complementar é aquele das relações entre cidade e campo e das relações entre cidades, consequência igualmente de necessidades modernas da produção e do intercâmbio geograficamente próximo. Finalmente, o acontecer hierárquico é um dos resultados da tendência à racionalização das atividades e se faz sob um comando, uma organização, que tendem a ser concentrados (SANTOS, 2017, p. 166).

Seguindo o pensamento sobre lugar e solidariedade, Carloto (2014, p. 196) destaca que “assim, é nos lugares que as solidariedades se constituem espacialmente e o sentimento de pertencimento e de liberdade surgem. Sendo assim, os lugares precisam ser construídos na política e para a política”.

Abordar o lugar trata-se da tarefa de refletir também sobre o mundo. Mundo e lugar são pares dialéticos, e por esse motivo estão em constante ligação. Neste sentido, “mundo e lugar coexistem. Pensar a partir do lugar é também pensar o mundo. O futuro do mundo é construído nos lugares” (CARLOTO, 2014, p. 198).

Atualmente, não é somente o mundo que modifica os lugares, mas, os lugares também transformam o mundo. A pandemia da Covid-19 é um evento que serve como exemplo claro de como os lugares modificam o mundo. Um vírus que saiu de um lugar e que acabou atingindo e interrompendo a vida das pessoas em todo o mundo.

Tomando como referência essa compreensão dos eventos em saúde em suas conexões com a totalidade, ressaltamos que a difusão espacial da Covid-19 não se trata de um problema de saúde pública nos mesmos moldes que outras pandemias trouxeram, mas de um desafio a ser enfrentado cada vez mais relevante no mundo globalizado em que vivemos. Assim, alteraram-se as escalas da vida e da economia, ampliaram-se os cruzamentos impostos por um mundo mais complexo, e por isso se torna necessário transformar nosso olhar para novos problemas (GUIMARÃES et. al., 2020, p. 120).

No passado, mais precisamente antes do século XV, era impossível imaginar uma rápida disseminação de doenças como aconteceu com a Covid-19 no século XXI. O motivo era que tínhamos uma outra configuração de mundo. As técnicas eram rudimentares, por isso, não tinham tanta carga tecnológica quanto nos dias atuais. Naquele período o movimento de pessoas era lento, e as técnicas eram pouco dispersas. Os lugares eram mais isolados, possuíam pouca relação com outros lugares. Era um momento em que o mundo não modificava os lugares e conseqüentemente os lugares não impactavam tanto o mundo.

Hoje o mundo é outro, se compararmos com tempos passados, os lugares assumem um papel importante nesta nova configuração do espaço geográfico. Atualmente pensar no mundo, é pensar na articulação entre os objetos e as ações que se impõe nos lugares. Por isso pensar no lugar é também pensar nos objetos e ações. Os lugares e o mundo estão em constante conversa, paulatinamente no processo de relação. Por isso, “o espaço geográfico, nesta perspectiva se apresenta como instância. Lugar e mundo nesta contemporaneidade, mais do que nunca se apresentam como totalidade e simultaneidade” (SOUZA, 1994, p. 120).

Os lugares se diferenciam pela sua densidade técnica, informacional e comunicacional. Uns possuem mais carga tecnológica que outros. Por isso, mesmo que o mundo tende a homogeneizar-se, sobretudo no mundo globalizado, os lugares possuem características internas.

Sobre a dialética entre mundo e lugar, Santos destaca que:

Não distinguiríamos entre unidade e diversidade se não soubéssemos que a unidade é o próprio do planeta e da história e a diversidade é o próprio dos lugares. Muda o mundo, e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, se define como funcionalização do mundo, e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (SANTOS, 2017, p. 35).

Com a globalização o mundo tornou-se mais próximo dos lugares. Porém, é com a cognoscibilidade do planeta obtida pelo avanço das técnicas que podemos compreender as condições políticas, técnicas, humanas e naturais do mundo, mas também as particularidades dos lugares (SANTOS, 2013). Para Straforini (2001, p. 56) “com a globalização e o avanço técnico, científico e informacional, o lugar não pode ser entendido como uma categoria ou uma entidade que se encerra em si’.

Diante desse pensamento, na atualidade não há mais espaço para estudar o lugar de forma desconectada com o mundo. Na atual globalização, as técnicas, os transportes e as produções evoluíram, dentre outras características desse período histórico. Por isso, vale lembrar que mesmo “o mais pequeno lugar, na mais distante fração do território, tem, hoje, relações diretas ou indiretas com outros lugares de onde lhe vêm matéria-prima, capital, mão-de-obra, recursos diversos e ordens” (SANTOS, 2014b, p. 25).

Para dialogar com o pensamento de Santos (2014b), Castellar e Moraes (2011, p. 17) afirmam que “o estudo dos fenômenos geográficos em escalas de análise possibilita superar a falsa dicotomia existente entre o local e o global, na medida em que ampliamos o olhar”. Por esses motivos, podemos afirmar que no atual momento, lugar e mundo são indissociáveis.

Lugar e mundo são pares dialéticos. Em função disso, “no lugar, estamos condenados a conhecer o mundo, pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado, toma-se a nossa âncora” (SANTOS, 2017, p. 38). Portanto, urge na Geografia estudar o mundo do presente pautado na construção de um futuro mais humano e solidário, pautado na coletividade.

Nesta perspectiva, para estudar o mundo e os lugares se faz necessário compreender o papel dos eventos geográficos. Portanto, no próximo tópico iremos refletir sobre os eventos e sua relação com o mundo e lugares.

2.3 O desafio de pensar sobre os eventos na Geografia

Antes da leitura deste tópico, muitos podem se perguntar o motivo em abordar os estudos sobre eventos na perspectiva geográfica. Esta não é a primeira vez que esse termo está sendo utilizado. A abordagem do evento será pautada principalmente nas obras de Milton Santos. Entretanto antes de aprofundar este conceito, vale lembrar que a ideia de evento já foi tratada por outros autores com outras nomenclaturas, é o caso por exemplo de “Lefebvre escreve a palavra momento, Bachelard fala de instante e Whitehead de ocasião” (SANTOS, 2017, p. 143).

Em sua teoria, Santos (2017) destaca que os eventos são considerados processos básicos externos ao espaço. Portanto, os eventos são processos básicos externos ao espaço, mais intimamente ligados às categorias internas e aos recortes espaciais, no qual o lugar está inserido.

Para Santos (2017, p. 95) “um evento é o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente”. Dentro desta perspectiva, o evento torna-se um importante instrumento para a Geografia compreender as transformações do mundo do presente.

[...] Consideramos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo (SANTOS, 2017, p. 144).

Por isso, vale destacar a centralidade da relação intrínseca entre lugar e mundo por meio dos eventos. Para compreensão dos lugares é necessário compreender os eventos no contexto geográfico, “o lugar é o depositário final, obrigatório, do evento” (SANTOS, 2017, p. 144). Desse modo, o evento torna-se um importante conceito para compreensão dos lugares e do mundo. Não existe conhecimento do mundo sem o conhecimento do lugar, assim como também não existe conhecimento do lugar, sem considerar o mundo. É nesse sentido que Santos (2013, p. 169) afirma “em que cada situação se inclui numa rede dinâmica, estruturada, à escala do mundo e à escala dos lugares”. Por isso, podemos dizer que

o mundo só existe nos lugares, pois a história se constrói nos lugares. Entre essas possibilidades e esses existentes concretos temos os eventos. São os eventos que transformam as possibilidades em existentes, mas os eventos não são alheios nem indiferentes ao que existe. Não há evento sem objeto,

não há evento sem ator. Quando uma corporação global escolhe uma cidade para instalar uma fábrica, está produzindo um evento a partir de um conjunto de possibilidades e escolhendo o que ali existe. Por isso, o evento é o veículo da história, produz a existência. E o evento surge do casamento entre o que é possível e o que existe [...]. Os eventos transformam as essências e possibilidades em qualidades e quantidades num lugar determinado. São os eventos que operam a metamorfose entre possibilidade e existência (SILVEIRA, 2006, p. 88).

Nesta dimensão teórica os eventos reúnem objetos e ações, espaço e tempo, mundo e lugar. De um modo geral, os eventos são ao mesmo tempo existência e possibilidade na constituição dos lugares. Ou seja, o evento é a natureza da transformação do lugar e mundo.

Os eventos sociais são resultados da ação humana, e essa ação está intimamente ligada ao espaço e ao tempo. Neste sentido, os “objetos, acciones y normas constituyen eventos (ora en incessante movimiento, ora ya cristalizados), y esos eventos ocurren en el tiempo y em el espacio” (LENDE, 2006, p. 140). Paralelamente a isso, vale lembrar que a união entre ação e objeto, tempo e espaço também são indissociáveis para compreensão do espaço geográfico e conseqüentemente para o evento. Por isso, “os eventos são, todos, Presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam. Os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço” (SANTOS, 2017, p. 145). Nesse sentido, “sendo presente, pode ter eficácia mais ou menos duradoura, e realiza-se no lugar, onde produz mudanças mais ou menos profundas ao se instalar” (RODRIGUES, 2010, p. 153).

O evento é mudança. Porém, essa mudança é seletiva e desigual. Um evento não impacta todos os lugares ao mesmo tempo. Um evento se realiza de forma desigual, sobretudo no atual período técnico-científico-informacional.

Neste sentido, “o lugar não é um fragmento, é a própria totalidade em movimento que, através do evento, se afirma e se nega, modelando um subespaço do espaço global” (SILVEIRA, 1993, p. 204). Por isso, lugar e evento são indissociáveis.

Assim sendo, também é impossível considerar a totalidade do lugar somente pela forma, ou pela função. É necessário entender o lugar a partir da forma, função, estrutura e processo. Esse conhecimento do lugar deve ser ancorado com base nos eventos.

O acontecimento é um momento da totalidade em processo de totalização. Em conjunto os acontecimentos, inseridos em objetos no mesmo momento, reproduzem a totalidade; por isso são complementares e se explicam entre si. Cada evento é fruto do mundo é do lugar simultaneamente. Essa totalidade, em movimento, pressupõe eventos e objetos dialeticamente articulados, condição para que esses ganhem realidade. A simultaneidade dos eventos num momento de totalização, numa etapa da flecha do tempo, constitui a comunidade das atualidades, porque baseada em processo simultâneos, do mundo. Por serem individuais, mas não isolados, os eventos constituem situações, sucedem uns aos outros, superpõem-se, interpenetram-se, criam interdependências. As solidariedades entre os eventos realizam-se através de três tipos de aconteceres: homólogo, complementar e hierárquico (RODRIGUES, 2010, p. 155).

Desta maneira, os eventos se concretizam nos lugares. A chegada de um evento em um lugar supõe mudança, pois o evento é sempre uma novidade. Por isso, “os eventos mudam as coisas, transforma as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características”. (SANTOS, 2017, p. 95). Evento é sinônimo de ação, por se tratar de um movimento presente.

Neste caso, é nos lugares que os eventos se materializam. Um evento é “instante do tempo dando-se em um ponto do espaço” (SANTOS, 2017, p. 144). Novamente a noção de evento está ligada ao espaço-tempo.

De acordo com Santos, “agora que a unidade dos eventos sobre a face da Terra pode ser empiricamente constatada com o fenômeno de globalização (1996, p. 35). Como por exemplo, a atual pandemia da Covid-19.

Os eventos são singulares, são históricos e também variados. Não há evento sem ação humana. Todavia, “os eventos são atuais, absolutos, individualizados, finitos, sucessivos” (SANTOS, p. 156). São os eventos que diferenciam os lugares.

É com esse pensamento que cabe destacar a relevância sobre o entendimento dos eventos para compreender os lugares. O evento é tempo, é processo e ação. Dessa maneira, os eventos são quem revelam o lugar principalmente no atual mundo da globalização. Por isso, “na atualidade, a complexidade espaço-temporal é aumentada pelo processo de globalização que amplia os eventos e os difunde mais rapidamente ou instantaneamente por todo o mundo” (VASCONCELOS, 2012, p. 21)

A cada novo momento, “é a funcionalização dos eventos no lugar que produz uma forma, um arranjo, um tamanho do acontecer” (SILVEIRA, 2004, p. 90). Para

melhor compreendermos a funcionalização dos eventos nos estudos geográficos, destaca-se alguns autores que em seus trabalhos utilizaram esse conceito.

Pensando nos eventos, Virna David, em sua dissertação de 2010, intitulada “Território usado e circuito superior marginal: equipamentos médico-hospitalares em Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto (SP)” ela aborda os eventos nas três dimensões de solidariedade: mundo, país e lugar. A autora destaca que “nossa época se tornou mais complexa e diversa, e a interdependência e simultaneidade dos eventos parece nos confundir tanto quanto desafiar” (DAVID, 2010, p. 205).

Novamente em relação aos eventos, em sua dissertação de 2007, Elisângela Couto, com o título “As modernizações e as racionalidades na agricultura e o uso do território: temporalidades e espacialidades no município de Ibiúna (SP)”, ela busca compreender como os eventos transformaram o uso do território no município de Ibiúna. Ela destaca muitos eventos, vou citar alguns como exemplo: os de escala global, a revolução verde nos Estados Unidos; os eventos no país, como a construção de rodovias e ferrovias pelo Brasil; e ao lugar, a chegada dos imigrantes japoneses, o papel das instituições e das técnicas. Mais uma vez as três dimensões de solidariedades são consideradas.

Edmilson Rodrigues (2010) em sua tese intitulada “Território e soberania na globalização: Amazônia, jardim de águas sedento”, possui um forte destaque para o evento enquanto categoria. O autor contribui teoricamente e empiricamente para o avanço no debate sobre eventos. Ao utilizar como exemplo, ele destaca a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte como um significativo evento. Ele atribui aos eventos a constituição do mundo e dos lugares. Mundo e lugares são ligados pelos eventos.

A tese de 2013, com o título “As condições dos cursos de licenciatura em Geografia no Brasil: uma análise territorial e de situação” Vivian Fiori contextualiza sobre os eventos a partir da teoria de Milton Santos e Maria Laura Silveira, ela faz uma abordagem teórica sobre esse conceito e também cita exemplos de eventos concretos, como o golpe militar, LDBEN, dentre outros.

Santiago Andrade Vasconcelos, em sua tese de 2012, intitulada “Região, globalização e meio técnico-científico-informacional: modernizações, horizontalidades

e verticalidades na região do Seridó paraibano e potiguar na transição do século XX ao XXI”. A tese trata os eventos numa perspectiva voltada ao estudo regional pautado na modernização. Porém, ele constrói uma importante reflexão teórica sobre os eventos, relacionando com o mundo, região e lugar.

Outro destaque é um livro de 2011 que é fruto de uma dissertação, sendo Carlos Eugênio de Faria o autor, que tem como título “Os eventos geográficos e a expansão urbana de Caicó: desigualdades e coexistências na URBE”, este livro foca na compreensão de alguns eventos que impulsionaram o crescimento urbano de Caicó. Ele faz uma reflexão sobre o evento relacionado com: espaço, tempo, território usado, técnica, ação, lugar, dentre outros conceitos.

Helena Rizzatti Fonseca, em sua tese de 2020, intitulada “Urbanização corporativa vista pelo avesso: periferização, interseccionalidade e lugar – uma análise a partir das ocupações de terras urbanas”, a autora destaca os eventos responsáveis pela expansão urbana de Ribeirão Preto – SP. Sobre os eventos ela faz uma reflexão teórica sobre o conceito, e ainda descreve quais são os principais: chegada de indústrias, instalação da Universidade do Estado de São Paulo - USP, elaboração do plano diretor, dentre outros. Por fim, a autora elabora representações cartográficas para especializar alguns eventos que contribuíram para o crescimento da periferização.

Diante da abordagem anterior, vale destacar que de forma prática “o método não pretende conhecer todos os aspectos da realidade, atingir um “quadro total”, mas o que se busca é entender o evento como o movimento do todo” (SILVEIRA, 1993, p. 203). Continuaremos essa discussão teórica e metodológica no próximo subtítulo.

2.4 A situação geográfica como método e metodologia

Nas atuais condições do período técnico-científico-informacional, o mundo nos impõe um feixe de eventos que acabam por configurar os lugares. Segundo Silveira (1999) pode-se definir a situação geográfica a partir de um conjunto de eventos. Nas palavras de Silveira (1999, p. 22), “a ideia de situação que propomos discutir aqui é vinculada à noção de evento”. Vale lembrar que “o evento é aqui entendido como a

empiricização do tempo no espaço e deve permitir a compreensão profunda do lugar, via espaço global” (SILVEIRA, 1993, p. 208). Ou nas palavras de Santos (2017, p. 144) “o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo”.

Como exemplo, podemos analisar o agronegócio (ELIAS, 2011) a partir da atual configuração territorial do Tocantins como uma situação geográfica a ser estudada. Para esta situação geográfica cabe às perguntas: quais eventos a partir do contexto do agronegócio no Tocantins impactam a configuração territorial? Ou melhor, que conjunto de ações e objetos contribuíram para a atual situação geográfica do agronegócio no Estado do Tocantins? Poderíamos listar diversos eventos como: a construção de rodovias, projetos de fomento à produção, construção de pontes, chegada de empresas transnacionais, construção da ferrovia norte-sul, papel das instituições (políticas, financeiras e educacionais), entre outros.

A abordagem sobre a situação geográfica nesse contexto se torna relevante para compreendermos o mundo do presente a partir da relação com os conceitos anteriores de espaço geográfico, lugar e evento. Tendo em vista que a situação geográfica não pode ser dissociada desses princípios. Portanto, o conceito de situação geográfica nos permite a mediação entre mundo e lugar.

Cabe destacar que “a situação é um cenário para as novas formas de produção e de vida, para as novas ações e para a implantação de novos objetos, respondendo a novas racionalidades, a novas intencionalidades, a novos futuros” (SILVEIRA, 1999, p. 26). Nesse sentido, “a situação permitir-nas-ia encontrar as mediações entre o mundo, seus eventos e a vida nos lugares” (SILVEIRA, 1999, p. 27). Esse elo entre evento, lugar e mundo é primordial na busca do entendimento da situação geográfica. Além das mediações entre mundo, lugar e evento, a situação nos ajuda a “compreender os sistemas técnicos e as ações no lugar” (SILVEIRA, 1999, p. 27).

A situação geográfica revela assim, uma realidade espacial do mundo do presente e um futuro de possibilidades. Essa noção de compreensão do futuro é uma das possibilidades da Geografia. Para Araújo (2020, p. 160), o “lugar é ação, é prática, é hábito. Apenas por essa dimensão a geografia poderá acompanhar o movimento do

presente e com esforço antever o futuro, com proposituras criativas, como o futuro como âncora”.

Neste sentido a situação geográfica abre possibilidades de compreensão da totalidade. Com isso,

a situação decorreria de um conjunto de forças, isto é, de um conjunto de eventos geografizados, porque tornados materialidade e norma. Muda, paralelamente, o valor dos lugares porque muda a situação, criando uma nova geografia. Assim, ao longo do tempo, os eventos constroem situações geográficas que podem ser demarcadas em períodos e analisadas na sua coerência (SILVEIRA, 1999, p. 22).

Portanto, compreender uma situação geográfica é também compreender um sistema de eventos em um determinado recorte espacial. Reforça-se o elo entre situação geográfica, evento e lugar, principalmente na atual globalização.

A situação geográfica enquanto método e metodologia geográfica possibilita a compreensão da realidade. Pois, “por conseguinte, uma situação que é sempre real e singular- pode ser percebida, a um só tempo, como uma construção histórica, concreta, e como uma construção metodológica, lógica e coerente” (SILVEIRA, 1999, p. 23). Esta proposta metodológica implica considerar o espaço e tempo, mundo e lugar, mundo e evento, lugar e evento, ação e objeto, particularidade e universalidade.

À profusão de eventos que caracteriza uma situação como construção histórica corresponde, no plano da construção metodológica, um esforço de seleção e hierarquização. Nem todas as variáveis entram nesse jogo, nem todas ganham o mesmo valor na sua elaboração. Assim, a situação nasce, à luz de uma teoria, como um concreto pensado, capaz de incluir o chamado real num prévio sistema de ideias (SILVEIRA, 1999, p. 24).

A autora aponta a necessidade em estudar uma situação geográfica à luz da totalidade. Por isso a importância de “rever o todo como realidade e como processo, como uma situação e como movimento” (SANTOS, 2017, p. 77). A situação é sempre singular, ela é um recorte do tempo e do espaço. Uma união entre evento e lugar, ou evento e região. A plantação de soja no Tocantins se diferencia da soja plantada no Mato Grosso, cada uma das plantações pode se tornar uma situação geográfica com eventos diferentes.

A área de ocorrência pode ser assimilada à idéia de situação e a técnica permite identificar e classificar os elementos que constroem as situações. É a ordem, sempre diversa, com que os objetos técnicos e as formas de organização chegam a cada lugar e nele criam um arranjo singular, que define

as situações, permitindo entender as tendências e as singularidades do espaço geográfico. Porque são inter-relacionados e interdependentes. os eventos participam das situações. Uma plantação de soja é um fenômeno prehe de técnica crescentemente universal que assume, em Mato Grosso do Sul ou nos pampas argentinos, uma singularidade própria do acontecer no lugar (SILVEIRA, 2011, p. 25).

Neste sentido, Silveira (1999, p. 26) afirma que “podemos reconhecer numa situação geográfica: objetos técnicos, ações, normas, agentes, escalas, ideologias, discursos, imagens, que são diversos no processo histórico e nos lugares”. Além de reconhecer, podemos também compreender esses conceitos de forma prática ao utilizarmos a situação geográfica como recurso de método e metodologia. Silveira ainda nos lembra que “tentar uma abordagem holística não significa apenas ligar diretamente lugares que participam nessa situação concreta, mas vincular os eventos via totalidade, que é a forma mesma de sua existência” (1993, p. 207).

Nesse sentido, “uma situação é, sobretudo, um instrumento metodológico, fértil para abrigar, num esquema lógico e coerente, os conteúdos do espaço geográfico a cada momento, atualizando assim os conceitos” (SILVEIRA, 1999, p. 27). A situação geográfica é um conceito refinado, que busca compreender o presente.

Para Cataia e Ribeiro (2015, p. 11) “o conceito de situação geográfica é pertinente para analisar e articular variáveis, agentes e processos em diversas escalas a partir de um foco particular”. Nessa perspectiva, pode-se articular a ideia de totalidade (SANTOS, 2017), com o entendimento de situação geográfica, que só é possível a partir das categorias forma, função, estrutura e processo.

Segundo Albuquerque e Ribeiro (2021, p.4) “A situação geográfica pode ser definida como uma coerência espacial e temporal dos eventos num dado lugar, como nó de verticalidades e horizontalidades, modulada pelas estruturas herdadas e pelos usos do território presentes e ancorados no futuro”. Os autores ainda completam, afirmando que “a situação geográfica se define pela sua coerência interna e como relação do lugar com o mundo pelos sentidos dos eventos que se geografizam no lugar frente às possibilidades existentes na escala global” (ALBUQUERQUE E RIBEIRO, 2021, p. 6). Neste sentido, o entendimento de situação geográfica é pautado na relação entre mundo e lugar por meio dos eventos.

Na tese de 2018, intitulada “Política de saúde e política nacional de desenvolvimento regional: o conflito político-institucional da região no Brasil”, Luciana da Costa Feitosa adota o conceito de situação geográfica como instrumento metodológico para compreensão da região no contexto das políticas públicas. Empiricamente, a autora busca entender Petrolina e Juazeiro na política de saúde e na política de desenvolvimento regional enquanto situação geográfica. Para ela, o conceito de situação geográfica é indissociável do mundo, lugar, região, eventos e território. Assim, a autora ainda alerta que “de imediato temos que considerar que a interpretação de uma situação geográfica por meio dos acontecimentos nos permite enxergar nos lugares a dimensão de realização do mundo, dadas as conjunturas e coerências temporais que os eventos imprimem no território” (FEITOSA, 2018, p. 62).

O livro de 2011 de autoria de Carlos Eugênio de Faria “Os eventos geográficos e a expansão urbana de Caicó: desigualdades e coexistências na URBE” apresenta a situação geográfica de forma teórica e empírica. Ele destaca a situação geográfica para entender a expansão urbana de Caicó. Segundo o autor, a situação geográfica é “uma opção de caminho metodológico, como, também, para a compreensão do espaço/território no presente, mas com raízes no passado e se organizando de forma prospectiva para o futuro” (FARIA, 2011, p. 24). Portanto, este conceito possibilita a compreensão do mundo do presente.

Em dissertação de 2001, intitulada “Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo”, Rafael Straforini usa o conceito de situação geográfica com base em Maria Laura Silveira. O autor escolhe o tema ou conteúdo geográfico História de Sorocaba enquanto situação geográfica para ser trabalhada em sala de aula como instrumento metodológico. A situação geográfica pode ser entendida enquanto recorte espacial e temporal da história do presente (STRAFORINI, 2001).

De acordo com Castellar e De Paula (2020, p. 310)

A situação geográfica condiz a um feixe de eventos em um lugar, território, paisagem ou região, à particularidade de conjuntos e efeitos em decorrência do espaço socialmente produzido. É a manifestação efêmera, que se pode lançar duradoura, de um movimento de totalização, a constituição de condições socioespaciais em um recorte.

Neste sentido, a situação geográfica como um feixe de eventos possibilita a compreensão do lugar, território, paisagem ou região e conseqüentemente o mundo.

A partir do pensamento de Santos e Silveira, considera-se que “a situação geográfica como um ponto de partida, uma dimensão epistêmica, com método e metodologia para compreensão de fenômenos e processos geográficos no contexto das sociedades” (CASTELLAR e DE PAULA, 2020, p. 310).

Guimarães et. al. (2020) emprega o conceito de evento e situação geográfica para compreender a Covid-19 no Brasil. Para eles, a pandemia da Covid-19 é um evento que atinge os municípios brasileiros. É também uma situação geográfica ao analisar a difusão espacial deste vírus no território brasileiro, considerando essa situação como um feixe de eventos.

A importância em tratar os eventos e situações geográficas como totalidades é tratada nos estudos de Guimarães et. al. (2020, pp. 119 e 120), eles consideram a “totalidade que, ao mesmo tempo, evita imagens simplificadoras do mundo fornece os fundamentos necessários para apreender as principais estruturas que governam e dão sentido aos eventos, o que não seria diferente diante da rápida difusão espacial do novo coronavírus”.

2.5 A relação entre espaço geográfico, evento, lugar e situação geográfica para compreensão da realidade

Conforme já foi acentuado, de acordo com Santos (2017), o espaço geográfico pode ser entendido como um conjunto inseparável de sistema de objetos e sistema de ações, o lugar como um espaço do acontecer solidário e o evento sendo o conjunto de variáveis que impactam o lugar, e ainda o entendimento da situação geográfica segundo Silveira (1999) como um conjunto de eventos.

Essas definições são simples diante da complexidade de cada um dos conceitos. E que diante dessa complexidade, urge a ousadia em entender a relação entre espaço geográfico, lugar, evento e situação geográfica para compreensão da realidade, tornando assim indispensável e paralelamente um desafio essa investigação. Por isso, “felizmente o mundo é uma complexidade e é ela que deve ser tocada por nossas metodologias para tentar chegar bem perto da inatingível realidade. Esta é intocável

exatamente porque é dinâmica, complexa e, no mundo de hoje, excessivamente acelerada” (SOUZA, 2009, p. 107).

Para Souza (2009) o método deve ser marcado pela compreensão da realidade pautado na complexidade do espaço geográfico.

Esta realidade é aquela que nos é revelada agora, isto é, hoje, e que decorre de um processo, de uma formação histórica. Ainda mais, esta realidade é dinamizada pelas características desta contemporaneidade que é completamente diferente daquela de há vinte anos: a técnica se faz pre-sente no espaço (SOUZA, 2009, p. 108).

A priori é indispensável alguns alertas, o primeiro, é impossível compreender a realidade apenas pelo conceito de evento. É também improvável entender o concreto utilizando somente o lugar. Esse obstáculo teórico também ocorre com a situação geográfica.

Não existe possibilidade de compreensão da realidade somente pelos eventos. É impossível dissociar evento e lugar. Sobretudo porque os eventos só existem a partir do momento em que se materializam nos lugares. O evento é sempre uma novidade que se realiza nos lugares. Por isso, lugar e evento são indissociáveis.

A chegada de um automóvel elétrico em um país é um evento que se materializou em um lugar primeiramente. Os eventos não são iguais em todo o mundo. Há uma desigualdade nas realizações dos eventos. Os eventos necessitam dos lugares para existirem e se realizarem. Entretanto, essa realização é feita em uns lugares e outros não, ou os eventos se materializam primeiro em uns lugares e depois em outros.

A cada lugar corresponde uma idade particular para cada variável, o que não quer dizer que uma variável não possa aparecer em lugares diferentes portando a mesma “idade”. O que, todavia, é impossível, é encontrar combinações locais e variáveis específicas tendo a mesma idade. Assim, cada lugar é o resultado da combinação espacialmente seletiva de variáveis diferentemente datadas. É à seletividade com que os diversos aspectos do moderno realizam o seu impacto sobre um lugar determinado que se deve a diferença entre os lugares; e a combinação particular de variáveis diversamente datadas constitui o tempo espacial próprio a um determinado lugar (SANTOS, 2014b, p. 106).

Toda realização de um evento é carregada de objetos e ações em um determinado ou escolhido lugar. Nas atuais condições, entender os eventos é também entender os lugares e conseqüentemente o mundo. Com isso, não existe

conhecimento do mundo sem conhecimento dos lugares, como também não existe conhecimento dos lugares e do mundo, sem conhecimento dos eventos. Por isso, na atual configuração global os conceitos evento, lugar e mundo estão em constante relação tanto teoricamente quanto empiricamente. Portanto, “o mundo, como um conjunto de essências e de possibilidades, não existe para ele próprio, e apenas o faz para os outros. É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado” (SANTOS, 2013, p. 112).

Outro alerta é a impossibilidade de compreender o atual período somente pelo conhecimento do lugar. Porque para entender os lugares é necessário a compreensão dos eventos. O lugar é resultado da relação entre objetos e ações no tempo e no espaço.

A geografia deve preocupar-se com as relações presididas pela história corrente. O geógrafo torna-se um empiricista e está condenado a errar em suas análises se considera somente o lugar, como se ele tudo explicasse por si mesmo, e não a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas, já que objetos e relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais, e estas impactam os objetos (SANTOS, 2014b, p. 63 e 64).

Novamente ressalta-se que não existe conhecimento do mundo apenas pelo entendimento do lugar. Um princípio básico para a compreensão do lugar é a consciência do papel do evento. Outro destaque é que o lugar está em constante relação com outros lugares na atualidade.

O sistema de objetos e sistema de ações se materializam nos lugares por meio do evento. A indissociabilidade dos objetos e ações é própria do espaço geográfico enquanto abstração, tornando empírica nos lugares. Por isso que o mundo é entendido empiricamente pelos lugares. Nesse sentido, “o mundo, para os geógrafos se torna real, concreto. Daí a absoluta importância da compreensão do que seja o espaço geográfico, mediador entre mundo e lugar” (SOUZA, 1994, p. 121).

Não há consciência do lugar sem os eventos, assim como não existe conhecimento do lugar sem o mundo. Novamente, mundo, lugar e evento estão em uma sólida união. O evento é materializado nos lugares, os lugares são entendidos pelos eventos e os lugares são possibilidade de compreensão do mundo a partir dessa relação. Contudo, “é a partir dessa visão sistêmica que se encontram, interpenetram e completam as noções de mundo e de lugar, permitindo entender como cada lugar,

mas também cada coisa, cada pessoa, cada relação dependem do mundo” (SANTOS, 2013, p. 169).

Outro alerta é que só existe uma situação geográfica com a relação entre evento, lugar e espaço geográfico. É impossível pensar uma situação geográfica sem o conceito de evento. Os eventos é que torna a situação geográfica possível. Sobretudo porque a situação geográfica é um conjunto de eventos em um determinado recorte espacial, que pode ser o lugar.

Nesse sentido, a situação geográfica torna-se um instrumento metodológico de suma importância para compreensão dos lugares e conseqüentemente do mundo. Uma situação geográfica é carregada de relações entre evento, lugar e espaço geográfico, ela permite a compreensão de uma totalidade a partir das categorias analíticas de forma, função, estrutura e processo.

A situação geográfica enquanto método e metodologia nos possibilita a intermediação entre mundo e lugar por meio dos eventos. Por isso, compreender uma situação geográfica é compreender o conjunto de eventos analisados, o lugar de estudo e o espaço geográfico por meio da relação entre objeto e ação.

Alguns autores produziram textos relacionando o espaço geográfico, evento, lugar e situação geográfica. As escolhas dessas obras foram pautadas na proximidade com fundamentação teórica abordada por esse capítulo.

Primeiramente, Guimarães et. al. (2020) utilizou os conceitos de espaço geográfico com base nas obras de Milton Santos e Roger Brunet, situação geográfica de acordo com Maria Laura da Silveira e Evento com base em Milton Santos. Os autores utilizaram esses conceitos para compreender o Covid-19 no território Brasileiro.

Roque Ascensão (2020) faz uma reflexão sobre os conceitos de situação geográfica, lugar e espaço. A autora destaca o espaço e o lugar como categorias que estão presentes na BNCC, e ainda destaca a situação geográfica enquanto uma importante ferramenta metodológica para educação geográfica.

Castellar e De Paula (2020) usam os conceitos de espaço geográfico, situação geográfica, lugar e evento. Esses autores utilizam esses conceitos para o exercício do

raciocínio geográfico. Essa primorosa obra foi a que mais se aproximou com a ideia de compreensão do espaço geográfico por meio da relação entre evento, lugar e situação geográfica.

Cataia e Ribeiro (2015) destaca os conceitos de espaço geográfico, evento, lugar e situação geográfica. Vale ressaltar que no início do texto o autor destaca que a análise das situações geográficas possibilita a compreensão do espaço geográfico.

Straforini (2001) utiliza os conceitos de espaço geográfico, evento, lugar e situação geográfica. O autor faz uma reflexão sobre esses conceitos voltada para o ensino de Geografia. Apesar do autor não relacionar de forma clara esses conceitos, é possível identificar nas entrelinhas o objetivo do método que é compreender o mundo do presente.

Diante o exposto, não se conseguiu encontrar nenhum trabalho que relacionasse esses quatro conceitos de espaço geográfico, lugar, evento e situação geográfica com profundidade teórica com objetivo de entendimento da realidade.

Portanto, a relação entre espaço geográfico, lugar, evento e situação geográfica colabora de forma significativa para a compreensão da realidade. Tendo em vista, que o espaço geográfico é uma totalidade abstrata, que é composta pelo sistema de objeto e sistema de ações que contribui para o entendimento dos lugares por meio dos eventos os quais em conjunto formam uma situação geográfica. Toda essa relação é possível, principalmente por conta dos objetos e ações disponíveis nesse mundo global.

3 EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PAUTADA NA CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO

3.1 Os princípios do raciocínio geográfico

A Geografia possui um repertório teórico bastante vasto e complexo. Há internamente uma pluralidade de discussões sobre temas, conceitos, categorias e objeto de estudo na ciência geográfica. Essas discussões passam pelo entendimento que é temporal e espacial. Refere-se à compreensão da história do pensamento geográfico.

A constituição da Geografia que temos hoje é o resultado de uma construção histórica, teórica e metodológica. Não existe a compreensão do presente de uma disciplina, sem a compreensão do seu passado. Isso vale para toda e qualquer ciência. A evolução da ciência é também uma questão temporal e espacial, porque acontece no tempo e no espaço.

Então, a ciência geográfica também existe no presente por toda construção epistemológica do passado. Aqui está a importância dessa discussão. Entender o presente desvendando o passado e construindo o futuro.

Atualmente, para ensinar Geografia no presente é necessário a compreensão da construção epistemológica dessa disciplina. Porque para ensinar o mundo do presente, é indispensável as discussões dos conceitos, categorias e princípios que foram construídos no passado. Desse modo, a educação geográfica deveria se preocupar em resgatar os clássicos para o fazer geográfico na atualidade.

Nesse sentido, urge o resgate de termos, categorias e conceitos eminentemente geográficos que foram construídos no passado. Essa volta ao passado da disciplina deve ser o motor para o aperfeiçoamento teórico e metodológico que possa contribuir no entendimento sobre o mundo do presente, tendo o futuro como âncora.

Com isso, destaca-se o papel da epistemologia para a construção do raciocínio geográfico. Este destaque refere-se ao vocabulário e ao método geográfico. Por isso,

a abordagem do raciocínio geográfico possui a base na compreensão e no resgate da própria ciência geográfica.

Na Geografia o espaço geográfico é conhecido como o objeto de estudo dessa ciência. Por esse motivo, destaca-se a importância do espaço no contexto do raciocínio geográfico. Sobretudo a relação indissociável do espaço e tempo para construção desse raciocínio exclusivamente geográfico.

O termo raciocínio geográfico não é uma novidade, ou uma construção do século XXI. Ainda no século XX, podemos destacar a importância de Lacoste (1988) para sistematização desse fundamento teórico. Para ele o raciocínio geográfico se baseia na relação de diversas categorias científicas e conjuntos espaciais. Lacoste (1988) ainda afirma que o raciocínio geográfico é indispensável para a sociedade.

Com esse entendimento, destaca-se a importância do estatuto epistemológico elaborado pela ciência geográfica. Para raciocinar geograficamente a partir de uma situação, se faz necessário também o uso de categorias e conceitos geográficos. Isso não quer dizer que o raciocínio geográfico é construído somente por categorias e conceitos, contudo, esses elementos possuem grande relevância e destaque para esse fundamento.

Sobre a importância do resgate epistemológico, (ROQUE ASCENÇÃO; SILVA; VALADÃO, 2018, p. 41) destacam que para promover o “raciocínio geográfico se faz necessário que esteja ele associado a uma ordem de pensamento da ciência geográfica”. Portanto, abordar o raciocínio geográfico é sobretudo refletir sobre o estatuto epistemológico da ciência geográfica.

O estatuto epistemológico da Geografia é formado por categorias, conceitos, princípios, termos e objeto. É na relação desse estatuto que está a centralidade do raciocínio geográfico. Particularmente, o raciocínio geográfico possibilita a superação da dicotomia entre as diferentes correntes do pensamento geográfico.

A constituição do raciocínio geográfico não se faz somente pelo objeto de estudo da ciência geográfica, tão pouco, se faz somente pelas categorias, ou exclusivamente pelos conceitos, termos ou princípios. O raciocínio geográfico é um termo complexo,

por isso é difícil de ser definido, ele está paulatinamente em construção, por essa razão é considerado um processo.

O raciocínio geográfico é uma construção, principalmente realizada a partir dos princípios geográficos construídos ao longo da história da Geografia. Os princípios geográficos do raciocínio não são exclusivos de uma corrente do pensamento geográfico ou da construção de um único autor. Os princípios estão acima da divisão da Geografia em correntes do pensamento. Essa é uma potente possibilidade de diminuir as dicotomias enraizadas no decorrer de toda a história da Geografia.

Vale lembrar que tomado isoladamente um princípio, ele sozinho não consegue desvendar a realidade de uma situação. Por isso, é necessária a articulação entre princípios, categorias, objeto, termos, conceitos, etc. Cada princípio possui sua importância no processo de construção do raciocínio geográfico.

Moreira (2020) apresenta alguns desses princípios como o de localização, distribuição, distância, conexão, delimitação e a escala, na qual ele considera como subcategorias do espaço. Nesse sentido, o raciocínio geográfico se apresenta como uma possibilidade de resgate da própria epistemologia da ciência geográfica a partir dos princípios. Raciocinar geograficamente supõe a articulação desses princípios para compreensão da realidade.

Segundo a BNCC (2018) o raciocínio geográfico é uma oportunidade para representar, interpretar e compreender esse mundo que está em constante transformação, relacionando com os elementos da sociedade e da natureza (BRASIL, 2018). Nesse sentido, segundo a BNCC, o raciocínio geográfico é um modo de exercitar o pensamento espacial (BRASIL, 2018).

Um exemplo dessa articulação, é a compreensão da pandemia na realidade brasileira, com base no trabalho de Guimarães et al (2020), que utiliza o Covid-19 como evento e como situação geográfica para construção do raciocínio geográfico utilizando os princípios e conceitos geográficos.

Segundo Guimarães et al (2020, p. 128) “o raciocínio geográfico está constantemente buscando por essas formas sugestivas, por padrões espaciais e por conexões estruturais que deem sentido às situações geográficas e a eventos

históricos”. Estão presentes nessa discussão a relação entre conceitos, categorias, termos, princípios e objeto.

A busca pelo raciocínio geográfico deve estar pautada no entendimento de uma situação que pode ser desvendada pela Geografia. Para essa finalidade, é de suma importância a articulação entre os componentes que formam o estatuto epistemológico da ciência geográfica.

Gomes (2017, p. 144) chama a atenção para o fato de que “nós, geógrafos, precisamos, no diálogo com os outros campos do conhecimento, ter claramente estabelecida a justificativa do valor do raciocínio geográfico para apresentar seu alcance, sua abrangência e sua importância”. Com base nestas colocações, destaca-se o valor e a necessidade dos geógrafos no aprofundamento teórico e metodológico.

No que tange à dimensão profissional do geógrafo, “tudo isso é muito importante e salutar, mas precisamos, de vez em quando, nos voltar para a discussão de nossos instrumentos de trabalho, nossos conceitos, nossa área de competências e aptidões” (GOMES, 2017, p. 144). Se feito com coerência e rigor teórico, essa volta aos conceitos, ou melhor, o resgate dos conceitos podem ser um importante instrumento para fortalecimento da Geografia do presente.

Ao enfatizar a relevância do resgate epistemológico, os princípios do raciocínio geográfico possuem um papel significativo nesse debate. Pois, os princípios de localização, distribuição, distância, conexão, delimitação e escala são de uso da Geografia como um todo, e não da Geografia crítica, ou da Geografia humanista ou da Geografia positivista. Os princípios são geográficos, e não de um tipo específico de corrente do pensamento geográfico.

Antes de refletir sobre cada um dos princípios, destaca-se a importância das perguntas que são genuinamente geográficas. Alguns autores se preocuparam com algumas perguntas, Gomes (2017, p. 145) pergunta “por que isso está onde está? ” Já Martins (2016, p. 65) questiona “onde estão as coisas e por que elas estão lá?”.

Por isso, além de onde? Devemos perguntar por quê? Quando? Como? São perguntas que são essenciais para a relação entre os princípios e conseqüentemente contribuem para construção do raciocínio geográfico. Martins (2016, p. 65) ainda nos

lembra que “o onde só é identificável diante do quando, ou seja, o onde em um dado momento”. Ou seja, onde e quando são referências do espaço e tempo.

Com isso, esta abordagem sobre as perguntas, possibilita a utilização dos princípios geográficos para compreensão de uma dada situação. Os princípios geográficos são diversos, as suas elaborações não estão situadas na teoria de uma corrente ou de um autor em específico. Alguns autores elaboraram, outros autores resgataram. Então, iremos discutir os principais princípios geográficos a partir dos de autores que atualmente se preocupam em resgatar o estatuto epistemológico da geografia.

Como já foi dito, Moreira (2020) destaca os princípios de localização, distribuição, distância, conexão, delimitação e a escala. Moreira (1999; 1982) ainda apresenta o princípio geográfico de diferenciação e ordem. Para Martins (2016) os princípios são de Localização, distribuição, distância, densidade, escala. Segundo Cavalcanti (2019) os princípios geográficos são: localização, distribuição, conectividade, escala. Para Castellar e De Paula (2020) os princípios geográficos são de localização, conexão, extensão, causalidade, arranjo e ordem, analogia e diferenciação. Na BNCC (2018) são apresentados os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem com base (FERNANDES; TRIGAL; SPOSITO, 2016; MOREIRA, 1982, 1999).

A **localização** é um princípio da própria pergunta, onde? Este primeiro princípio geográfico em destaque é de suma importância para o vocabulário geográfico. Saber onde as pessoas estão, onde os objetos estão, onde os eventos acontecem, ou onde se trata uma situação geográfica é de fundamental importância para o saber geográfico da atualidade.

Em outras palavras, diríamos que a Geografia é o campo de estudos que interpreta as razões pelas quais coisas diversas estão situadas em posições diferentes ou por que as situações espaciais diversas podem explicar qualidade diferentes de objetos, coisas, pessoas e fenômenos (GOMES, 2017, p, 20).

Seguindo esse entendimento, Martins (2016, p. 64) destaca que “esta determinação se explicita quando fazemos a pergunta cardinal: onde? O que significa afirmar que, a partir daí a localização das coisas em geral não serão aleatórias, obedecerão a um motivo”. Para Guimarães (2020, p. 126) o princípio geográfico da

pergunta: “onde está?, esse é o princípio da localização”. Portanto, a pergunta: onde? Está integralmente ligada com a localização.

A **conexão** é o princípio de ligação entre eventos, fenômenos, situações, ações, objetos. Nenhum evento ocorre de forma desconectada do mundo e dos lugares. Esse princípio geográfico revela as relações geográficas realizadas no espaço. O princípio de conexão foi a preocupação de alguns autores, dentre eles Jean Brunhes e Philip Gersmehl. Para Guimarães (2020, p. 121) “portanto, como princípios do raciocínio as relações entre a localização dos eventos, a extensão desse fenômeno e suas conexões com outros fenômenos de interesse social”.

A **causalidade** é o princípio geográfico que é explicado a partir da pergunta por quê? Segundo Martins (2016, p. 65) o “princípio de causalidade associada à relação e conexão, sugerido por Derruau, assim como em outros”. Ao citar a enchente como um exemplo de situação geográfica, Castellar e De Paula (2020) destacam que o princípio da causalidade nos ajuda a compreender o porquê de a enchente acontecer. Podemos citar novamente a Covid-19 para compreender esse princípio, portanto qual foi o motivo de acontecer a pandemia de 2020? Então, esta pergunta refere-se a causa do evento ou situação.

O princípio de **distribuição** se aproxima do princípio de localização quando o conjunto de localizações de objetos, pessoas e eventos se dá no espaço. Essa distribuição quase sempre é desigual, principalmente quando nos referimos ao conjunto de fixos ou conjuntos de objetos disponíveis no mundo globalizado. Podemos pegar como exemplo a distribuição dos leitos de UTI pelo Brasil, essa distribuição é desigual pois não estão em todas as localidades. Um outro exemplo é a distribuição de salas cinema pelo Brasil, este fixo está localizado em poucos pontos do território, ou seja, a distribuição desse entretenimento é bastante desigual. Guimarães et. al. (2020) utiliza esse princípio para entender a distribuição espacial dos casos de Covid-19 pelo Brasil.

A **diferenciação** é um importante princípio que serve como ferramenta do pensar geograficamente. Esse princípio possibilita diferenciar os eventos, situações, pessoas, coisas e objetos. Ao diferenciar algo, conseqüentemente estamos refletindo sobre as singularidades dos lugares. O princípio de diferenciação foi bastante utilizado por La

Blache e Hartshorne, dois clássicos da Geografia. Guimarães et. al. (2020) também utiliza esse princípio para explicar as diferenças de causas, casos e distribuição de Covid-19 pelo Brasil.

Os princípios de localização, conexão, causalidade, distribuição e diferenciação não são os únicos da ciência geográfica. Destacamos esses para exemplificar a importância dos princípios geográficos que contribuem para a construção do raciocínio geográfico.

Novamente, vale lembrar que, além da importância dos princípios é indispensável a relação entre eles. Por esse motivo os princípios geográficos não podem ser tomados isoladamente. Localizar um evento sem entender a sua distribuição, a causa, diferenciação, ou conexão, será um movimento incompleto. Portanto, é bastante pertinente o processo de relação entre esses princípios para a construção do conhecimento geográfico.

Tudo na geografia começa então com os princípios lógicos [...] o conjunto das localizações dá o quadro da distribuição. Vem, então, a distância entre as localizações dentro da distribuição. E com a rede e conexão das distâncias vem a extensão, que já é o princípio da unidade do espaço (ou do espaço como princípio da unidade) (MOREIRA, 2020, p. 117).

Seguindo esta lógica de relação e importância dos princípios geográficos. Moraes (2005, p. 8) destaca que

além de se apoiar nestas, a continuidade do pensamento geográfico também se sustentou à custa de alguns princípios elaborados no processo de constituição dessa disciplina, e tidos como inquestionáveis. Estes princípios, formulados a partir da pesquisa de campo, seriam conhecimentos definitivos sobre o universo da análise, que o geógrafo não poderia deixar de lado em seus estudos. Atuam assim como regras de procedimento, e por esta razão forneceram um elemento de unidade para a Geografia. A saber, são eles, para ficar apenas nos mais expressivos: O “princípio da unidade terrestre” – a Terra é um todo, que só pode ser compreendido numa visão de conjunto; o “princípio da individualidade” – cada lugar tem uma feição, que lhe é própria e que não se reproduz de modo igual em outro lugar; o “princípio da atividade” – tudo na natureza está em constante dinamismo; o “princípio da conexão” – todos os elementos da superfície terrestre e todos os lugares se interrelacionam; o “princípio da comparação” – a diversidade dos lugares só pode ser apreendida pela contraposição das individualidades; o “princípio da extensão” – todo fenômeno manifesta-se numa porção variável do planeta; o “princípio da localização” – a manifestação de todo fenômeno é passível de ser delimitada. Estes princípios atuaram como um receituário de pesquisa, definindo regras gerais, no trato com o objeto, que, não podiam ser negligenciadas.

É de fundamental importância a relação entre os princípios. A Geografia é também construída a partir dessa relação.

Onde estou, e onde estão as outras coisas que compõe minha alteridade, qual sua distribuição, qual a distância que estão de mim, enfim, qual a Geografia que me cerca em sua extensão e que representação tenho dela: essa representação equivale ao sentido de localização, ou à consciência geográfica (MARTINS, 2007, p. 49).

Essa relação, “pressupõe uma ideia de ordenação, estabelecida por uma sequência de princípios de raciocínio que conformam o conhecimento geográfico” (GUIMARÃES et. al. 2020, p. 136). Essa ideia de relacionar os princípios é essencial para compreensão da realidade. “É por isso que entendemos que esses princípios do raciocínio geográfico são muito importantes para a compreensão da difusão espacial do novo coronavírus, guardada as especificidades desse fenômeno em cada lugar, como no caso da Amazônia” (GUIMARÃES et. al. 2020, p. 136).

Um destaque final é de que os princípios geográficos sozinhos não explicam a realidade, mas são uma importante ferramenta para compreendê-la a partir da relação com outros campos do conhecimento geográfico.

3.2 Raciocínio geográfico

Um grande avanço teórico da Geografia na atualidade é sem dúvida o resgate e reformulação do conceito de raciocínio geográfico. Mesmo não se tratando de uma construção do século XXI, na contemporaneidade esse termo vem ganhando destaque nas produções da Geografia brasileira.

O motivo desse interesse pode ser explicado pela atualidade dos princípios que formam o raciocínio geográfico e que possibilitam a construção de um método bastante rigoroso para compreensão da realidade.

Para Moreira (2020) o conhecimento geográfico pode ser construído a partir das categorias, conceitos e princípios lógicos da geografia. Seguindo esse entendimento o autor destaca as categorias espaço, território e paisagem sendo as categorias-chave da ciência geográfica.

Paisagem, território e espaço – com o primado no espaço – são as categorias da geografia. Analisar espacialmente o fenômeno implica antes descrevê-lo na paisagem e a seguir analisa-lo em termos de território, a fim compreender-se o mundo como espaço. Mas em verdade quem faz essas transposições é

a presença dos princípios lógicos tanto no espaço, quanto no território, como na paisagem (MOREIRA, 2020, p. 116).

Desse modo, a relação entre essas categorias e princípios lógicos anteriormente abordados, são de fundamental importância para esse autor.

1) os princípios são a base lógica da construção da representação geográfica de mundo; 2) a paisagem é o ponto de partida metodológico, o plano da percepção sensível dos objetos e seu arranjo, que serão lidos e descritos com a ajuda dos princípios; 3) o território vem em seguida, a partir da identificação dos recortes de domínio mapeados no arranjo da localização e distribuição e assim dos sujeitos da paisagem. 4) o espaço é o resultado final, aparecendo na clarificação do conjunto como uma estrutura qualificada de relações, em cuja base está o caráter histórico da relação homem-meio, a sociedade geograficamente organizada (MOREIRA, 2020, p. 118).

Nesse sentido, o estatuto epistemológico elaborado por Ruy Moreira destaca a relação entre categorias e princípios para o entendimento da realidade a partir de seu método bastante sofisticado.

Roque Ascensão (2020) ressalta que sua preocupação com o raciocínio geográfico é voltada para o ensino de Geografia. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular “busca como objetivo para o ensino de Geografia, a interpretação geográfica através da produção de raciocínios geográficos” (ROQUE ASCENÇÃO, 2020, p. 178). Nesse sentido destaca-se esse termo no plural, pois não há um único raciocínio, mas sim raciocínios que são desenvolvidos a partir da Geografia.

Com base em reflexões anteriores realizadas por Roque Ascensão e Valadão destaca-se que “o Raciocínio Geográfico é um modo de operação intelectual a partir do qual se podem produzir interpretações espaciais” (ROQUE ASCENÇÃO, 2020, p. 190).

Complementando esse entendimento, Roque Ascensão e Valadão (2017) indicam os conceitos fundantes para construção do raciocínio geográfico, que são: localizar, descrever e interpretar. E ainda os conceitos para interpretação dos fenômenos a partir do espaço, tempo, escala e processos. Segundo eles, esse tripé metodológico contribui para o desenvolvimento do conhecimento geográfico a partir da busca pela espacialidade do fenômeno.

Com base no estudo sobre a sala de aula, segundo (QUINCAS; LEÃO; LADEIRA, 2018) o raciocínio geográfico é considerado um evento que possibilita

conhecer os conceitos da Geografia na escola. Para eles o espaço tem um papel indispensável para construção desse raciocínio.

Guimarães et. al. (2020) busca construir o raciocínio geográfico a partir de diversos conceitos, categorias, princípios e representações. Eles utilizam o raciocínio geográfico como método para o entendimento da Covid-19 no Brasil. Para eles o coronavírus é um evento que pode ser analisado geograficamente, a partir da delimitação de uma situação geográfica. Portanto, os autores fazem uma leitura geográfica da pandemia no Brasil a partir desses princípios.

Com a proposta de analisar a pandemia no Brasil, eles afirmam que as

chaves de leitura da disseminação da Covid-19 no território e o caminho metodológico estabelecido por uma espécie particular de raciocínio científico: o raciocínio geográfico [...] a partir de conceitos e procedimentos metodológicos da geografia, foi desenvolvido nos últimos 100 anos e conta com a contribuição de obras clássicas dessa disciplina (GUIMARÃES et. al 2020, p. 120).

Esse estudo colaborou para o resgate de conceitos, categorias e princípios geográficos. Nesse sentido, os autores buscaram a compreensão de um problema do presente utilizando o estatuto epistemológico da geografia como base. Verificou-se que os autores conseguiram com rigor e seriedade científica apresentar explicações sobre o início da dispersão do vírus pelo Brasil.

Para Gomes (2017) a Geografia possui uma forma específica de pensar. Para ele, a ciência geográfica “é também uma maneira, original e potente, de organizar o pensamento” (GOMES, 2017, p. 13). Nesse sentido “trata-se pois de um convite a uma discussão propriamente epistemológica, pois incide diretamente sobre as condições de produção do conhecimento, sua consistência lógica, seus sistemas de validade.

Ou seja, raciocinar geograficamente é um desafio epistemológico. Segundo Gomes (2017, p. 20)

A Geografia é o campo de estudos que interpreta as razões pelas quais coisas diversas estão situadas em posições diferentes ou por que as situações espaciais diversas podem explicar qualidades diferentes de objetos, coisas, pessoas e fenômenos. Trata-se de uma forma de construir questões, ou seja, a curiosidade de saber em que medida o sistema de localização pode ser um elemento explicativo. Evidentemente, a discussão metodológica não deixa de incidir sobre a delimitação e os temas que devem ser abordados e, nesse

sentido, age também sobre a leitura que fazemos da essência dessa ciência geográfica em diferentes momentos e orientações.

Com isso, o autor nos direciona ao que é geográfico. Nessa discussão voltamos a perguntas que são primordiais para geografia que são: Onde? Como? Quando? Por quê? Além disso, aborda os princípios, categorias, temas e objetivos da ciência geográfica. Esse entendimento, nos remete a discussão de construção do raciocínio geográfico, por se tratar de um debate epistemológico.

Seguindo a discussão, o raciocínio geográfico nesse sentido, refere-se a um instrumento que constrói significados a partir das localizações, ligadas a uma composição (GOMES, 2017). Finalizando o pensamento de Gomes (2017, p. 146) o autor finaliza seu livro sobre os quadros geográficos com essa afirmação “pretendemos afirmar que, sempre que esses quadros, fundados na localização, são usados como instrumentos do raciocínio, há nisso uma forma geográfica de pensar”.

Martins (2016) também contribui para a discussão sobre raciocínio geográfico. O autor apresenta a importância no resgate da epistemologia da Geografia para construção do pensamento geográfico. O autor retoma a discussão dos clássicos, algo essencial para a discussão sobre um raciocínio essencialmente geográfico.

Para Martins (2016) retomar os clássicos é também revalorizar a própria Geografia. Para ele é de fundamental importância esse resgate principalmente para tentar diminuir a antiga fragmentação de nossa ciência.

Ao trazer o raciocínio geográfico em questão, Straforini busca a compreensão do sentido da geografia na educação básica, ele afirma que esse objetivo

consiste em proporcionar aos alunos a formação na perspectiva do cidadão, que busque sempre a justiça e a equidade social a partir do processo de reflexão crítica sobre os fenômenos e eventos espaciais em suas múltiplas e indissociáveis escalas de análise, isto é, considerando o que está próximo (local) e o longínquo (global) como partes de um todo indissociável. Trata-se de operar com um conjunto de conhecimentos que atua e desenvolve formas de raciocínio geográfico (STRAFORINI, 2018, p. 178).

Castellar e De Paula (2020) publicaram um importante texto para compreensão do raciocínio geográfico no âmbito escolar. Eles buscam compreender o papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. Para os autores

o raciocínio geográfico, apoiado no estatuto epistemológico da Geografia, pode ser estimulado nas práticas pedagógicas para compreender a realidade,

analisando-a a partir de informações espaciais contidas nas representações, relacionando os sistemas de localização com a pergunta “por que as coisas estão onde estão?”. Uma associação entre método, conceitos e categorias da Geografia (CASTELLAR & DE PAULA, 2020, p.295).

Nesse sentido, o estatuto epistemológico da ciência geográfica possui centralidade na construção do raciocínio geográfico pautado na compreensão da realidade. Novamente as perguntas que movem o conhecimento geográfico são evidenciadas.

Portanto, um raciocínio geográfico implica, do ponto de vista do professor, ajudar a desenvolver no aluno um raciocínio espacial que leve a identificar, analisar e correlacionar os diferentes fenômenos que se apresentam no espaço, que se modifica e deve ser entendido pelos movimentos e interferências do homem (CASTELLAR, MORAES E SACRAMENTO, 2011, p. 251).

Para Castellar e De Paula (2020) o raciocínio geográfico é formado por cinco campos de conhecimento: primeiro: processos cognitivos; segundo: conceitos espaciais; terceiro: representação espacial; quarto: categorias e princípios geográficos; quinto: situação geográfica.

Esta é a definição mais refinada e alinhada com a nossa linha de pensamento. Diante disso, e “para esse relacionamento, incorporamos os três campos de conhecimentos do pensamento espacial e asseguramos o vocabulário geográfico, para que a finalidade seja o desenvolvimento do raciocínio geográfico” (CASTELLAR & DE PAULA, 2020, p. 300).

O primeiro campo para o entendimento do raciocínio geográfico a partir de Sonia Castellar e Igor de Paula é a relevância dos processos cognitivos. Nesse campo os autores destacam os conceitos de ações como observar, diferenciar, identificar, localizar, para citar alguns. Esse campo é constituído pelas contribuições teóricas da Psicologia e da Neurociência, mais especificamente a epistemologia genética de Piaget.

O segundo campo, refere-se aos conceitos das relações espaciais. Os conceitos são referentes ao pensamento espacial. Esses conceitos estão identificados nas representações espaciais, os conceitos espaciais são: área, distância, direção, etc. Para Castellar e De Paula (2020) esses conceitos servem para o planejamento espacial e para evidenciar as desigualdades socioespaciais.

No terceiro campo, o destaque é para as representações espaciais. Nesse campo os autores apresentam as principais representações cartográficas, sendo elas: mapas, imagens de satélite, gráficos, cartas topográficas, dentre outros. Todavia, há uma centralidade no mapa para o ensino de Geografia. Para Castellar e De Paula (2020, p. 302) “o mapa, principal representação espacial presente nos estudos da Geografia escolar, possui metodologicamente a função cognitiva de direcionar o olhar, tanto daqueles que ensinam como daqueles que aprendem”. Contribuindo assim para construção do raciocínio geográfico a partir desses três campos do pensamento espacial.

Nos campos de conhecimentos referentes à construção do raciocínio geográfico destaca-se 2 campos, sendo eles as categorias e princípios geográficos e a situação geográfica.

O quarto campo refere-se às categorias e princípios geográficos. Castellar e De Paula (2020) afirmam inicialmente que a discussão sobre categorias e princípios possibilita a recuperação da epistemologia da Geografia. Nesse sentido, “as categorias de paisagem, território, região, lugar e natureza e os princípios de localização, conexão, extensão, causalidade, arranjo e ordem, analogia e diferenciação etc., são vocábulos geográficos gerados a partir da trajetória teórica da Geografia” (CASTELLAR & DE PAULA, 2020, p. 309). Portanto, abordar as categorias e princípios é uma importante ferramenta para fortalecer o raciocínio geográfico como método. Para eles as categorias e conceitos são vocabulários que podem desvendar os eventos, fenômenos e processos a partir de uma situação geográfica.

O quinto e último campo da construção do raciocínio geográfico é o da situação geográfica. Segundo Castellar e De Paula (2020, p. 310) “a situação geográfica condiz a um feixe de eventos em um lugar, território, paisagem ou região, à particularidade de conjuntos e efeitos em decorrência do espaço socialmente produzido”. Nesse sentido a situação geográfica e raciocínio geográfico buscam a compreensão da realidade a partir da totalidade.

Portanto, o raciocínio geográfico construído por Castellar e De Paula é o que mais se aproxima com o sentido do fazer geografia atualmente. Principalmente pela

abordagem integrada entre espaço geográfico, evento, lugar e situação geográfica. Discussões que também estão presentes neste trabalho.

3.3 A educação geográfica e a importância em raciocinar geograficamente

Pensando na ciência geográfica, um destaque inicial é que atualmente há uma aproximação entre o que se ensina na escola e o que se ensina na universidade. No momento, o objeto de estudo da Geografia é o mesmo objeto de estudo da educação geográfica, ou seja, o espaço geográfico.

Antigamente essa aproximação não era tão visível. Por exemplo, nos PCNs a discussão sobre o espaço geográfico era secundária, já a BNCC traz em destaque essa discussão. Vale lembrar que há um debate forte e rigoroso em relação ao raciocínio geográfico. Tanto na universidade, quanto na escola. Esse debate na escola se fortaleceu principalmente a partir da BNCC, no qual este documento traz como objetivo do ensino de geografia o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Essa aproximação entre Geografia acadêmica e Geografia escolar é explicada principalmente a partir dos princípios do raciocínio geográfico. Além de possibilitar essa aproximação, os princípios geográficos por se tratarem da epistemologia da Geografia tornam-se um fio condutor entre as diversas fragmentações da ciência geográfica.

Diversos autores atualmente discutem ou já discutiram sobre o papel da geografia na educação básica. Para Castellar e Moraes (2011)

o fundamental para a Geografia escolar é possibilitar ao aluno uma aprendizagem no sentido da consciência geográfica, entendendo a localização dos lugares e fenômenos e, a partir disso, podendo raciocinar geograficamente, compreendendo a ordenação territorial, a espacialidade e/ou a territorialidade dos fenômenos, a escala social de análise. Os conceitos geográficos devem ser considerados permeados pela dinâmica da sociedade, porque quaisquer que sejam as ações metodológicas, elas devem proporcionar ao aluno condições para ler o mundo (CASTELLAR & MORAES, 2011, p. 134).

Nesse sentido, o fazer geografia na escola está vinculado à relação entre categorias e conceitos e ainda a utilização de novas metodologias de ensino capazes de ajudar o aluno a compreender o mundo do presente.

A educação geográfica busca atualmente superar o tradicional processo de ensino e aprendizagem da ciência geográfica na escola. Callai (2011, p. 2) afirma que a educação geográfica “é um conceito que diz respeito a algo mais que simplesmente ensinar e aprender Geografia”. Este conceito pode ser entendido como um aperfeiçoamento de se ensinar Geografia, com novas práticas, objetivos e metodologias. Nesse sentido Santos e Souto (2018, p. 92) destacam “a necessidade de uma educação geográfica fundamentada na relação teoria e prática consubstanciada na construção de aprendizagens que favoreçam a formação humana e social dos alunos”.

Para Pereira (2018, p. 146) “a função da educação geográfica na escola é desenvolver o pensamento geoespacial, isto é, pensar a realidade geograficamente e despertar uma consciência espacial”. Diante disso, é possível afirmar que a educação geográfica possibilita o estudante a ler o mundo e os lugares geograficamente.

Duarte (2016, p. 72 e 73) busca “situar o objetivo da Educação Geográfica, como sendo o de favorecer o desenvolvimento de um tipo de pensamento ou raciocínio de caráter geográfico, o qual é inseparável dos fundamentos da Geografia científica”. A educação geográfica busca centralmente a construção do raciocínio geográfico na educação básica (BNCC, 2018).

A educação geográfica também busca avançar teórica e metodologicamente no processo de ensinar e aprender Geografia. Segundo Duarte (2016, p. 73) “a tarefa central da Educação Geográfica é ensinar a pensar geograficamente”. Ele ainda alerta que

como qualquer ramo do conhecimento científico, a Geografia desenvolve uma forma específica de pensar a realidade. Essa pensar geográfico não é inferior nem superior aos demais, mas é indiscutivelmente carregado de singularidades, [...] É uma forma de pensar que, acreditamos, pode ser a mais adequada para compreender os fenômenos naturais e sociais, notadamente aqueles em que a espacialidade possui papel explicativo relevante (DUARTE, 2016, p. 85 e 86).

Essa matriz teórica é pautada em desenvolver o ensino de Geografia com novas metodologias, métodos e práticas. Procurando assim, romper com o ensino tradicional Geografia ainda hoje praticado nas escolas do Brasil, voltado principalmente para descrever as formas.

O papel da Geografia no ensino fundamental e médio deve ou deveria ser o de ensinar ao aluno o entendimento da lógica que influencia na distribuição territorial dos fenômenos. Para isso, faz-se necessário que o discente tenha se apropriado e/ou se aproprie de uma série de noções, habilidades, conceitos, valores, atitudes, conhecimentos e informações básicos para que o pensamento ocorra ou para que o entendimento e o pensamento sobre o território ocorra. Esse conjunto citado é pré-requisito para que o aluno construa um entendimento geográfico da realidade (SOUZA E KATUTA, 2001, p. 50).

Para Castellar e Moraes “na educação geográfica, para obter a compreensão necessária do mundo, é importante formular hipóteses a partir de observações, para posterior comprovação e análise” (2011, p. 15). Então, compreender o mundo nessa perspectiva é algo desafiador, uma vez que muitos professores não possuem habilidades para desenvolver tal ensino articulado com formulação de hipóteses, problemas e situações geográficas.

3.3.1 Ensino de geografia e a força do lugar

Em Geografia o lugar assume relevância em diversos estudos. Estudar o lugar foi a preocupação de muitos geógrafos durante a história desta ciência, podemos citar Vidal de La Blache, Yi-Fu Tuan, Milton Santos, dentre outros. Pensando nos estudos voltados para o ensino de Geografia, destaca-se a preocupação das geógrafas Helena Callai, Sonia Castellar, Lana Cavalcanti, dentre outros teóricos.

Atualmente, é indispensável entender que o lugar não é um objeto de conhecimento em si. O lugar é um conceito que serve como um fio condutor para compreensão de diversos objetos de conhecimento da Geografia. É inadmissível chegar em uma sala de aula para ensinar o lugar em si. Claro que esse estudante deve entender a definição do conceito, porém, esse fim pode ser desenvolvido de outras formas, longe da memorização do conceito. O debate deve ser outro, o ensino é de Geografia, e não ensino do lugar.

O lugar assume importância para o ensino de Geografia como possibilidade de articulação com qualquer objeto de conhecimento. Por exemplo, é possível imaginar uma abordagem sobre globalização, urbanização, industrialização, desigualdade, clima em sala de aula sem considerar o lugar? Acredita-se que não, esse é só alguns exemplos, poderíamos citar vários outros.

Com esse entendimento é que se destaca o lugar a partir de Santos (2014). Essa teoria assume relevância e com isso a articulação com o ensino de Geografia é atualmente tão cara. Trata-se então de compreender Geografia a partir da dialética entre lugar-mundo.

Para Callai “estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais e humanas” (2017, p. 72). Com esse entendimento destaca-se o valor do lugar para o ensino de Geografia. Nessa perspectiva, o lugar também pode contribuir para compreensão da Geografia no sentido de totalidade.

Callai, Castellar e Cavalcanti (2007) enfatizam o desafio e a dificuldade em entender o lugar para ensinar Geografia. O lugar nesse sentido é o espaço das relações, das possibilidades e do enfrentamento. “Nessa linha de raciocínio, a escola apresenta uma grande capacidade para enfrentar o desafio de compreender o lugar, tanto do ponto de vista da produção e organização espacial quanto das mobilizações dos grupos sociais” (CALLAI; CASTELLAR; CAVALCANTI, 2007, p. 94). É fundamental para o professor de Geografia compreender o papel da categoria lugar na educação geográfica praticada na escola.

Continuando com o raciocínio voltado para o ensino de Geografia, o lugar também é destaque em diversos documentos curriculares, livros didáticos, etc. A exemplo de documentos podemos destacar o PCN e a BNCC. Na BNCC e no PCN destaca-se o lugar sendo considerado uma importante categoria geográfica para o processo de ensino-aprendizagem de Geografia na educação básica. Por meio da Geografia podemos

compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do **lugar** em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros **lugares** e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um **lugar** com outros **lugares**, distantes no tempo e no espaço e perceber as relações do passado com o presente [grifo nosso] (PCN, 1997, p. 15).

Nesse sentido urge o aprofundamento teórico sobre a categoria lugar. Destaca-se o caráter primordial de entender a categoria lugar na possibilidade de ensinar Geografia na educação básica.

Por isso que Callai (2017) alerta sobre os desafios de estudar o lugar em nossas aulas de Geografia. O desafio é constante, uma vez que os lugares estão paulatinamente se transformando. Dessa maneira, ensinar Geografia considerando o lugar no atual mundo globalizado, requer um grande esforço por parte dos professores.

neste contexto pode-se reafirmar o papel importante do estudo do Lugar, como a possibilidade de estudo na/da geografia, como categoria de análise geográfica e como conteúdo específico da Geografia. O Lugar como ponto de referencia ao ensino-aprendizagem da geografia não quer dizer que deva ser sempre o ponto de partida para o estudo. Pelo contrario o Lugar é a referencia que nos possibilita interligar o cotidiano, a vida concreta, com as demandas do mundo global e trabalhando na interface do humano e do natural, compreender o mundo e a sociedade em que vivemos (CALLAI, 2009, p. 188).

Também concordamos com Callai (2017, p. 71) que “ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida e as relações sociais se concretizam nos lugares específicos”. Destaca-se a relevância do elo entre mundo e lugar para o ensino de Geografia.

Callai (2017) segue o pensamento de Santos (2014a) para discorrer sobre o lugar. Mundo e lugar são pares dialéticos e sobretudo na atual globalização são indispensáveis para compreensão do mundo do presente.

Essa concepção de lugar na teoria da Geografia Nova, proposta por Milton Santos deve ser amparada e indissociável ao conceito de evento. Trazendo essa discussão para o ensino de Geografia é improvável compreender uma situação geográfica sem considerar o lugar e os eventos.

Nessa perspectiva, trabalhar em sala de aula por exemplo sobre o processo de conurbação, a pergunta adequada não seria o que é conurbação? E com isso já explicar o que seria esse processo. Uma possibilidade seria perguntar: onde possui conurbação no Brasil? Ou por que naquele lugar possui conurbação? Por que aqui não ocorre esse processo? Como ocorre esse processo de conurbação? Essas perguntas direcionam a categoria lugar e conseqüentemente ao conceito de evento. Então poderíamos prosseguir nessa possibilidade. Ao responder coletivamente onde ocorre tal processo, o estudante terá oportunidade de pensar sobre os eventos de seu lugar e sobre os eventos de um lugar distante, ou sobre o mundo, mostrando assim a

relevância em repensar o ensino de Geografia de modo a aproximar com a teoria de Milton Santos.

Antes de construir um raciocínio geográfico sobre outros lugares do mundo é indispensável compreender o seu lugar de existência. Então, primeiro, é essencial compreender a dinâmica do lugar de vivência para depois compreender as complexidades de outros lugares. Essa progressão é realizada em todas as fases da educação básica, desde a educação infantil até o ensino médio.

Devemos, mais do que nunca, ensinar Geografia utilizando a teoria miltoniana, então, destaca-se a importância do lugar e dos eventos nesse processo. Essa é uma das buscas em constituir uma educação geográfica mais significativa para os estudantes da educação básica. Cabe destacar que o lugar não é entendido como a única possibilidade do fazer metodológico na educação geográfica. Aqui, estamos destacando a potencialidade do lugar enquanto categoria geográfica na compreensão objetos de conhecimentos e conseqüentemente da compreensão sobre a realidade.

Callai (2017) destaca a compreensão do evento ao relacioná-lo com outros lugares. Esse destaque no texto revela que essa articulação é bastante pertinente, sobretudo, para compreensão do mundo do presente. Lugar e mundo são pares dialéticos, por isso a ligação entre eles é tão cara para Geografia, conseqüentemente, muito significativa para o ensino de Geografia na educação básica.

Um outro enfoque relevante para nossa discussão sobre o elo entre mundo e lugar vem de Castellar e De Paula (2020, p. 310)

Isto posto, a situação geográfica coloca o todo enquanto objeto de análise, pressupondo que o raciocínio geográfico não deve estar amarrado em um recorte como parte, mas como fio de união contínuo a processos totais, não havendo, portanto, uma cisão entre o lugar e o mundo.

Nesse contexto, reafirmamos que não há possibilidade de construir o raciocínio geográfico considerando o lugar pelo lugar, ou o mundo pelo mundo. A relação entre mundo e Lugar é essencial para o desenvolvimento do raciocínio geográfico na escola.

Ao ensinar uma determinada situação geográfica por meio da categoria lugar, colabora para o conhecimento de lugares por meio da contradição, diferença e relação

entre eles. Além disso, essa proposta possibilita a compreensão do mundo por meio dos lugares.

Cavalcanti (2009, p. 150) revela que “nesse processo, propicia-se a ampliação do entendimento do Lugar, na medida em que se consideram os elementos já conhecidos da realidade considerada confrontando-os com os não conhecidos, com os não visíveis, e acrescentando outras escalas de análise”. Nesse sentido, destaca-se a relevância da diferenciação entre lugares para educação geográfica.

Cavalcanti (2009, p. 144) ainda valoriza que o estudar por meio do lugar “não significa trabalhar o espaço vivido restrito aos seus limites empíricos, já que se considera que o Lugar sintetiza de uma maneira específica o mundo, expressa relações mais gerais, mais globais, em sua complexidade e em suas contradições”.

Nesse sentido, ensinar e aprender geografia por meio dos eventos que criam e/ou diferenciam o Lugar nos ajuda a compreender melhor determinada situação geográfica. Esse movimento também coopera para aprofundar o entendimento do referido conceito e ainda, o mais importante, a construir o raciocínio geográfico pautado na compreensão do mundo.

É dessa forma que, como diz Callai (2009, 177) “se essa é a nova proposição para o estudo do espaço, através da categoria geográfica de Lugar há que considerar que uma nova forma de abordagem se constitui como significativa para entender a realidade do mundo”. Desta maneira, estudar Geografia compreende-se o processo dialético entre lugar e mundo na construção do raciocínio geográfico, isto é, de uma aprendizagem geograficamente significativa.

Ao refletir sobre a Base Nacional Comum Curricular, Roque Ascenção (2020, p. 180) afirma que “o lugar ainda é o central; ainda é minha convicção!”, diante disso, destaca-se ainda mais a abordagem da categoria lugar na educação geográfica. Segundo Roque Ascenção (2020, p. 180) “a BNCC traz a nova situação do universal, mas mantém a possibilidade de articulação com o lugar”. Portanto, na BNCC a ligação entre Lugar e Mundo também é enfatizada no ensino de Geografia.

A educação geográfica do século XXI é marcada por diversas mudanças e transformações.

A educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos. Isso porque a vida em sociedade é dinâmica, e o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e da técnica, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares. (CASTELLAR E MORAES, 2011, P. 9-10).

Um dos objetivos da educação básica é fazer o estudante compreender a realidade. Nesse intuito destaca-se a potência e a força do lugar e dos eventos para tal objetivo. Portanto, “cabe destacar a importância do papel da geografia como disciplina escolar para conhecer e compreender o mundo” Castellar e Moraes (2011, p. 10).

Atualmente essa educação é também pautada na argumentação, problematização e investigação científica. Destacaremos a seguir algumas possibilidades metodológicas que acreditamos serem essenciais para o ensinar atualmente o estudante a raciocinar geograficamente. “Por isso são necessárias metodologias de ensino que os auxiliem a desenvolver um raciocínio, e que o professor oriente o conhecimento dos alunos na perspectiva de se trabalhar com o seu imaginário e sua capacidade” (CASTELLAR, MORAES E SACRAMENTO, 2011, p. 256).

3.3.2 A importância da investigação, problematização e argumentação para o ensino de geografia

A escolha em destacar o ensino por investigação está pautada na perspectiva de construção do conhecimento que seja baseada no desenvolvimento de ferramentas intelectuais. Quando se utiliza o ensino por investigação em alguma disciplina escolar, esse ensino passa a ser construído a partir da participação e engajamento dos sujeitos em suas práticas educativas, ou seja, professor e alunos em um elo pela busca de conhecimento científico.

Atualmente, vários autores pesquisam sobre o ensino por investigação. No Brasil, os pesquisadores da área de ensino de ciências e ensino de física são grandes referências que vem buscando avançar o debate teórico e prático nessa linha de

pesquisa. Nesse sentido, destacaremos alguns desses pesquisadores que contribuem para a construção do ensino investigativo.

Carvalho (2018) define como ensino por investigação o ensino em que o professor produz situações a partir de conteúdos programáticos em sua sala para os alunos “pensarem, levando em conta a estrutura do conhecimento”; “falarem, evidenciando seus argumentos e conhecimentos construídos”; “lerem, entendendo criticamente o conteúdo lido”; “escreverem, mostrando autoria e clareza nas ideias expostas” (CARVALHO, 2018, p. 766).

Além de verificar a aprendizagem dos conteúdos programáticos é importante identificar “se eles sabem falar, argumentar, ler e escrever sobre esse conteúdo” (CARVALHO, 2018, p. 766). Nesse sentido, o ensino por investigação está em constante relação com o ensino por argumentação. Com esse entendimento, investigação e argumentação se tornam pares dialéticos.

Para Carvalho (2018, p. 767) os conceitos de “liberdade intelectual e elaboração de problemas – são essenciais para o professor criar condições em sala de aula para os alunos interagirem com o material e construir seus conhecimentos em uma situação de ensino por investigação”. A liberdade intelectual deve ser proporcionada pelo professor para seus alunos com intuito em construir conhecimento científico. Essa construção a partir do ensino por investigação deve ser pensada a partir da resolução de problema.

Proposto o problema, iniciam-se as buscas por soluções por meio de elaboração e avaliação de hipóteses, delimitação das variáveis relevantes, estabelecimento de relações entre as variáveis e construção de explicações para o problema. O que difere o ensino tradicional de uma abordagem investigativa é justamente a forma como as ações são desenvolvidas e a aproximação que as mesmas têm com a própria ciência: mantendo-se os limites e considerando-as como atividades distintas, a investigação científica e a investigação científica escolar podem encontrar confluências quando vislumbramos ambas como situações em que o trabalho em grupo ocorre, permitindo que diferentes visões sobre uma mesma ideia sejam postas em discussão, uma vez que a resolução a que se pretende chegar não é evidente e está, verdadeiramente, em construção. O papel do professor, em situações como estas, é de gerenciador do espaço de debate e, exercendo sua autoridade epistêmica, não oferece respostas rápidas, mas aponta novas questões e caminhos pelos quais a investigação possa seguir (SCARPA; SASSERON; SILVA, 2017, p. 16).

Nesse sentido, o ensino por investigação não deve ser tratado como a única e melhor maneira de ensino. Observa-se que a relevância no ensino por investigação

deve ser reconhecida. Mas acima de tudo, a relação entre ensino por investigação, argumentação e resolução de problemas.

Nossa hipótese é que durante o processo de investigação em sala de aula de um fenômeno científico, determinadas ações podem ser tomadas pelo professor e tendem a contribuir para que seus alunos participem de um processo de argumentação para a construção de explicações e entendimento sobre os conteúdos explorados nesta situação de ensino (FERRAZ, SASSERON, 2017, p. 43).

Apesar de não ser relevante o número de geógrafos que se preocupam com a temática, conseguimos identificar alguns estudos que buscam contribuir para a educação geográfica com base no ensino por investigação.

Souza (2018) destaca a potencialidade em trabalhar o ensino por investigação no contexto do ensino de geografia. A autora apresenta algumas reflexões teóricas principalmente voltadas para o ensino de ciências, porém a autora defende que essas abordagens podem ser relevantes para investigar os fenômenos geográficos.

Segundo Souza (2018) o ensino por investigação deve ser construído a partir de um problema. Para ela “a articulação construída para o Ensino de Geografia foi traduzida através da concepção da resolução de problemas; para haver uma investigação, um problema relevante deve ser posto em evidência” (SOUZA, 2018, p. 52).

Para Risetete (2017) “o conhecimento científico deve ser construído de forma contextualizada por meio de Sequências Didáticas que almejem a investigação e o desenvolvimento cognitivo em sala de aula” (RISETTE, 2017, p. 158). Nesta obra a autora concentra seu estudo na investigação geográfica pautada na promoção da cidadania.

Diante do exposto, acredita-se na relevância e potencialidade que o ensino por investigação tem na construção do raciocínio geográfico na educação básica. Portanto, o ensino por investigação contribui para a compreensão de qualquer evento, lugar ou situação geográfica.

Com esse entendimento, e pensando no ensino de Geografia, Roque Ascensão (2020) afirma que a BNCC possui foco no raciocínio geográfico a partir das situações geográficas baseadas em abordagens pedagógicas investigativas. Roque Ascensão

(2020, p. 187) “vejam! A BNCC toma a situação geográfica como fonte para o desenvolvimento de perguntas geográficas. O desenvolvimento de tais questões é basilar, visto a base apostar numa proposta pedagógica baseada na aprendizagem por investigação”. Novamente problema e investigação em destaque para construção de conhecimentos científicos, nesse caso, para construção do raciocínio geográfico.

Não basta somente identificar o evento, lugar ou situação geográfica, se faz necessário investigar, problematizar e argumentar sobre esses conceitos geográficos. Nesse sentido, o ensino por investigação torna-se um importante instrumento metodológico para ser utilizado no ensino de Geografia.

A reflexão teórica do ensino por resolução de problemas é uma preocupação atual de importantes estudiosos na área de ensino de diversas ciências. O conhecimento científico se move principalmente a partir da elaboração e construção de problemas.

Um dos pontos que podemos salientar, e que se torna claro nas entrevistas piagetianas, é a importância de um problema para o início da construção do conhecimento. Ao trazer esse conhecimento para o ensino em sala de aula, esse fato – propor um problema para que os alunos possam resolvê-lo – vai ser o divisor de águas entre o ensino expositivo feito pelo professor e o ensino em que proporciona condições para que o aluno possa raciocinar e construir o seu conhecimento. No ensino expositivo toda a linha de raciocínio está com o professor, o aluno só segue e procura entendê-la, mas não é o agente do pensamento. Ao fazer uma questão, ao propor um problema, o professor passa a tarefa de raciocinar para o aluno e sua ação não é mais a de expor, mas de orientar e encaminhar as reflexões dos estudantes na construção do novo conhecimento (CARVALHO, 2013, p. 02).

Nesse sentido, o ensino por resolução de problemas torna-se relevante e distante se relacionarmos com o ensino expositivo. Dessa maneira, o ensino baseado em perguntas não está sozinho, com ele podemos acrescentar a importância da argumentação e investigação para a construção de conhecimento científico.

Com isso, descentraliza a responsabilidade da construção de conhecimento. Passa de uma educação pautada no professor, para um desenvolvimento de conhecimento científico a partir da relação do professor e aluno a partir do ensino por investigação, problematização e argumentação.

Torna-se clara, portanto, a necessidade de alguns tipos básicos de questões que precisam ser estimuladas em sala de aula se desejamos que os alunos, orientados pelo professor, sejam capazes de construir argumentos que representem suas ideias em relação a dados fenômenos e situações:

perguntas que façam os alunos recordar noções já existentes ou construir uma base com as novas informações adquiridas em determinada aula; perguntas que levem os alunos a discutir quais as variáveis que verdadeiramente influenciam no fenômeno investigado; questões que recorram à necessidade de se buscar correspondências entre essas variáveis; questões que façam com que se dê atenção às relações entre as variáveis que podem ser generalizáveis; perguntas que suscitem a necessidade de se considerar contra-exemplos das situações estudadas (SASSERON E CARVALHO, 2011, p. 261).

Para Moraes (2010, p. 73) e ainda “na perspectiva do PBL, o problema é uma situação que necessita de resolução, podendo ser apresentada ao aluno ou proposta por ele mesmo. Em ambos os casos, o aluno deve recorrer aos conceitos já aprendidos e a outros que deverá compreender, mediado pelo professor” (MORAES, 2010, p. 73).

A tese de Moraes (2010) foi um importante momento para o ensino de Geografia. A autora destacou em seu trabalho a importância da resolução de problemas para a construção do conhecimento geográfico. Para esta autora o PBL – Aprendizagem Baseada em Problema, possui uma grande relação com a teoria de Ausubel pelo motivo de que o objetivo do PBL é a construção de uma aprendizagem significativa. Segundo Moraes (2010, p. 90) “nossa hipótese é a de que a metodologia da PBL pode, por meio das atividades organizadas pelo professor, potencializar a formação científica do indivíduo, de modo a fazer com que ele seja capaz de se perceber em um lugar e espaço” na perspectiva geográfica.

Uma ideia é a de que, na perspectiva do PBL, a aprendizagem não ocorre com limites ou com a sobreposição de partes isoladas, mas em um todo e interdisciplinarmente. Do ponto de vista da Geografia, é importante que os alunos vejam-na em primeiro lugar de uma forma integrada, articulando os conceitos de Geografia Física e Humana e, ao mesmo tempo, que se procure trabalhar de forma interdisciplinar, desde os primeiros anos da escolarização, por meio da construção do raciocínio geográfico” (MORAES, 2010, p. 90).

Nesse sentido, o PBL corrobora para a construção do raciocínio geográfico de forma integrada. Essa articulação entre os componentes físicos e sociais é que formam a totalidade da Geografia. Tendo em vista que o raciocínio geográfico possibilita a compreensão da realidade.

Com esse entendimento, podemos aproximar o PBL da situação geográfica, que na BNCC é entendida a partir de uma pergunta geográfica.

Uma vez identificada uma situação geográfica, serão articuladas Unidades Temáticas, Objetos de Conhecimentos e Habilidades com o fim de

interpretação da pergunta elaborada. Aqui está o conteúdo! Categorias e conceitos são instrumentos que nos levam à interpretação pretendida, ao mesmo tempo em que são aprendidos considerando as interações que sofrem em uma dada situação geográfica. Repito! É neste caminho metodológico que se constitui o conteúdo geográfico pretendido pela base (ROQUE VALADÃO, 2020, p. 187).

Esse caminho permite a articulação entre metodologias (PBL, investigação, argumentação, etc.) e o estatuto epistemológico da geografia. Essa articulação é relevante sobretudo na educação básica para a construção do raciocínio geográfico a partir de uma situação geográfica.

Segundo Castellar e De Paula (2020, p. 307) “saber o que perguntar é importante na medida em que propicia ao aluno perceber os conteúdos que estão presentes na situação geográfica e no problema que nela pode constar. A situação geográfica traz o tema e o problema”. Outra vez o destaque do problema como um importante instrumento metodológico é evidenciado.

Atualmente o problema está sistematicamente atrelado ao ensino de Geografia. Sobretudo com a constituição da BNCC que destaca a situação geográfica como ponto de partida para o ensinar geografia na educação básica.

Na atualidade o ensino de Geografia tem buscado seu aperfeiçoamento teórico e prático principalmente na história do pensamento geográfico. Entretanto, não é somente esta fonte de avanço dessa linha de pesquisa. A busca em melhorar o ensino e aprendizagem em Geografia fez e ainda faz alguns autores recorrerem a obras construídas por diversas outras ciências.

O ensino por argumentação chama a atenção de alguns autores na área de ensino de Geografia. Mas antes de adentrar ao ensino por argumentação na perspectiva geográfica, destaca-se algumas reflexões de pesquisadores principalmente do ensino de ciências e ensino de física que estão bem mais adiantados em suas pesquisas sobre o ensino por argumentação.

Numa visão de educação em que o objetivo do processo de ensino-aprendizagem deve ser o de compreender uma área de conhecimento, em contraposição a acreditar nela ou acumular informações sem sentido sobre ela, o desenvolvimento das habilidades de pensamento ganha importância. Realizar argumentação, análise e inferência são capacidades centrais para o cultivo do pensamento crítico. O argumento pode ser concebido tanto como um processo – no qual as pessoas se engajam em debater afirmações contraditórias ou opostas – quanto como um produto – uma linha de raciocínio que justifica uma afirmação. Ambos se inter-relacionam, já que estão

embutidos no argumento como produto os processos de suportar ou refutar a afirmação. Não se nasce com o talento de argumentar, mas é uma habilidade que se desenvolve na prática intensiva e que pode ser potencializada se os indivíduos tomam consciência das regras envolvidas na elaboração desse discurso e no papel da argumentação em construir conhecimentos e valores (SCARPA; SASSERON; SILVA, 2017, p. 17).

Diante do exposto, também se observa que o ensino por investigação sozinho também não consegue avançar na construção de conhecimento. É necessário a articulação com outras metodologias. Sobretudo porque a argumentação é um processo e não um fim, é um dos fios condutores que levam o aluno ao desenvolvimento intelectual.

A habilidade de argumentar envolve o reconhecimento de afirmações contraditórias e o estabelecimento de relações entre as afirmações e as evidências. Acreditamos que propostas de ensino investigativas, em que a resolução de problemas é a tônica, favorecem o desenvolvimento dessas habilidades pelos estudantes por meio de mais conversação, mais trocas entre os pares, mais interpretações e reinterpretações (SCARPA; SASSERON; SILVA, 2017, p. 17).

Segundo Sasseron e Carvalho (2014) a argumentação é um processo em que o professor e aluno manifesta suas ideias em aula, apresentando concepções, hipóteses, evidências e resultados e ainda justificando suas conclusões.

No estudo da ciência geográfica, principalmente voltado para o ensino de Geografia, encontramos poucas fontes teóricas que abordam o ensino por investigação no contexto geográfico. Destaca-se as produções de Carli (2017), Rodrigues (2017) e Souza (2018).

Carli (2017) em sua dissertação, destacou as pesquisas referentes ao ensino e aprendizagem a partir da argumentação científica. E ainda, o autor buscou identificar os argumentos científicos geográficos elaborados pelos estudantes a partir de situações didáticas voltadas para o conceito de território, objetivando o desenvolvimento de uma prática cidadã.

A dissertação de Rodrigues (2017) defendeu em sua obra a importância da argumentação para o ensino de Geografia. O objetivo deste trabalho foi investigar o aprendizado dos alunos em Geografia a partir da utilização do ensino por argumentação. Para ela “a argumentação é (...) entendida como a capacidade de linguagem fundamental para a formação dos enunciados dos estudantes e para o desenvolvimento de conceitos científicos no Ensino de Geografia” (RODRIGUES,

2017, p. 11). Por fim, a autora afirma que seu trabalho contribui para a construção de pesquisas de ensino de geografia baseadas na argumentação.

Na dissertação de Souza (2018), a autora busca utilizar a argumentação para o estudo do território em aulas de Geografia dos anos finais do ensino fundamental. O objetivo principal deste trabalho era “identificar e verificar a compreensão do conceito de território e cidade a partir da resolução de problemas e da argumentação dentro de um raciocínio geográfico, em contexto de escrita dirigida” (SOUZA, 2018, p. 14). A autora faz um debate teórico sobre argumentação e resolução de problemas a fim de apresentar a importância da relação desses dois conceitos.

Nesse sentido, a argumentação é uma poderosa ferramenta metodológica para o ensino e aprendizagem de um conhecimento científico, que nesse caso, o geográfico. Com isso, tanto o ensino por investigação, por problematização quanto o ensino por argumentação contribuem para construção do raciocínio geográfico se vinculados aos conceitos e categorias da ciência geográfica.

4 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM BASE NOS EVENTOS E LUGARES

O elo entre teoria e prática pedagógica é de suma importância para a construção de qualquer conhecimento científico na escola. Ou seja, para uma prática pedagógica eficaz se faz necessário o conhecimento específico do conteúdo e o domínio das possibilidades didáticas durante o processo de ensino-aprendizagem.

O conhecimento ofertado pela escola deve se preocupar com o rigor científico dos objetos de conhecimento produzidos pelas ciências. Por essa razão, o conhecimento escolar deve ser pautado nas premissas científicas produzidas pelos teóricos das universidades.

4.1 Considerações sobre o PCK no Ensino de Geografia Brasileiro

A busca por uma teoria que fizesse o elo entre escola e universidade fez encontrarmos o teórico Lee Shulman (1986) que construiu o PCK - Conhecimento Pedagógico do Conteúdo. Shulman (1986) que a prática docente nas escolas deve ser pautada no conhecimento didático dos objetos de conhecimento. O autor destaca sua teoria a partir de duas dimensões: a dimensão dos conhecimentos da matéria e a dimensão dos conhecimentos da educação. Ou seja, a prática profissional do professor deve ser pautada a partir do conhecimento específico de uma ciência juntamente com o conhecimento pedagógico.

Em busca de um elo entre teoria e prática pedagógica, alguns autores destacaram a importância do PCK na educação geográfica brasileira. Destaca-se nesse cenário a preocupação da Professora Valéria Roque Ascenção em abordar o PCK em diversos textos produzidos nas últimas duas décadas.

Roque Ascenção e Valadão (2014) apresentam em seu texto alguns fundamentos importantes para compreensão da teoria de Shulman. E ainda no mesmo texto, os autores destacam o PCK como fundamental na formação do profissional docente. Este destaque vale tanto para a formação inicial, quanto para formação continuada de professores.

A teoria PCK de Shulman (1985) também está presente no texto de Roque Ascenção e Valadão (2017) quando os autores fazem uma comparação com esta teoria com a teoria do discurso pedagógico de Bernstein (1996). Os autores

encontraram uma conclusão entre as duas teorias. Eles afirmam que tanto o PCK quanto o discurso pedagógico são fundamentos essenciais para prática cotidiana do professor.

Um ponto de destaque no texto de Roque Ascensão e Valadão (2017) é a crítica da concentração de Lee Shulman (2004) em relação aos conhecimentos gerais da educação. No texto os autores destacam a relevância do conhecimento da matéria, ou seja, eles enfatizam o conhecimento específico como essencial no processo de ensino-aprendizagem. Para eles, o domínio do conteúdo influencia de forma estrutural a maneira de lidar com os conhecimentos da educação. Portanto, há uma inseparabilidade entre o campo teórico e o campo prático no processo de ensino.

Roque Ascensão (2020) novamente enfatiza a importância do PCK no ensino de Geografia. Neste artigo a autora destaca a relevância do PCK na formação inicial de professores. Segundo Roque Ascensão (2020, p. 197) “a cada situação geográfica a ser interpretada o professor sempre terá o desafio de construir um PCK”, ou seja, o professor terá que organizar uma sequência didática com base nos conhecimentos específicos da ciência geográfica juntamente com os conhecimentos pedagógicos. Ou seja, esse professor poderá construir uma situação geográfica pautada nos eventos e lugares buscando a relação intrínseca entre teoria e prática.

Nesse sentido, o PCK torna-se um importante aliado da Geografia para construção do raciocínio geográfico partindo de uma situação geográfica específica. Portanto, para Roque Ascensão (2020) o elo entre teoria e prática é essencial para prática docente.

Segundo a mesma lógica, Lopes e Pontuschka (2015) destacam a centralidade da categoria PCK na formação inicial e continuada de professores da educação básica. Os autores destacam que essa categoria é singular do trabalho docente, tendo em vista que nenhuma outra profissão possui essa função social.

Segundo Lopes e Pontuschka (2015) o PCK mobiliza as dimensões do o que ensinar e do como ensinar, dimensões essas que são essenciais para a prática cotidiana do profissional docente em sala de aula. Portanto, para eles existe um elo entre a didática e a epistemologia geográfica.

Para Lopes e Pontuschka (2015, p. 90) “o professor de geografia experimentado é um profissional que domina, simultânea e integralmente, os temas e os conteúdos geográficos, seu sentido pedagógico, sua significação social e as formas mais adequadas de, em determinado contexto, apresenta-los aos alunos”. Por essa razão, se faz necessário além da relação entre conhecimento específico e conhecimento pedagógico, outra dimensão relevante é o significado daquele conteúdo para o cotidiano daquele aluno. Nesse sentido, o PCK deve ser utilizado no cotidiano escolar com intuito de fazer com que o estudante compreenda o mundo de forma significativa.

A atual educação geográfica está pautada na construção do raciocínio geográfico. Por essa razão, a dimensão do conhecimento específico deve se estruturar com base em debates contemporâneos que o ensino de Geografia faz a partir da epistemologia do raciocínio geográfico. Portanto, essa dimensão direciona o ensino baseado no método geográfico de compreensão do mundo do presente.

Por outro lado, a educação contemporânea revela a necessidade em trabalhar metodologias com foco no protagonismo estudantil. Ou seja, atualmente a dimensão pedagógica amplia a utilização de metodologias ativas nas práticas pedagógicas escolares. Essas questões metodológicas são profundamente necessárias para construção da argumentação, investigação e problematização do estudante na escola.

Diante disso, se faz necessário uma ampla discussão sobre a importância do PCK para formação e atuação do professor de Geografia. As questões anteriores revelam as possibilidades em se fazer uma educação geográfica significativa na escola, tendo como preocupação, o que se ensina e, também o como se ensina. Por essa razão, Roque Ascensão (2020) alerta que o conhecimento específico merece atenção, pois é esse conhecimento que direciona a dimensão pedagógica.

Portanto, para construção do raciocínio geográfico se faz necessário o domínio do conhecimento específico aliado ao conhecimento pedagógico e cotidiano dos nossos estudantes. Para isso, a nossa defesa é que esse raciocínio geográfico seja construído a partir da compreensão dos eventos e lugares que revelam as mais diversas situações geográficas.

4.2 Fundamentos Práticos das Sequências Didáticas

A didática é um campo da educação que está presente diretamente ou indiretamente em todas as estruturas curriculares dos cursos de licenciatura do país. Além de ser uma discussão teórica presente nos cursos de formação de professores, é também um importante instrumento para o ofício do ser professor na educação básica e superior.

O saber ensinar formal é uma construção que se inicia na formação inicial e que deveria estar presente em todo o período de exercício profissional docente. Mas para saber como ensinar, devemos primeiramente nos preocupar com o que ensinar. Essa preocupação é essencial para o professor, por isso a importância em compreender os fundamentos teóricos de sua ciência. Sobretudo para a partir desse entendimento avançar para o conhecimento metodológico daquele conhecimento específico. Em nosso caso, é essencial compreendermos o método geográfico com seu objeto de estudo, categorias, conceitos e escalas.

O processo de ensinar está ligado a duas principais dimensões que são indissociáveis. A primeira é a do o quê ensinar, ou seja, é a dimensão do domínio daquele conhecimento em específico. A segunda dimensão é a de como ensinar, em outras palavras, é a dimensão da didática.

O domínio dos conteúdos e conhecimentos geográficos são essenciais para prática cotidiana do professor de Geografia. Porém, somente essa dimensão não é suficiente para um ensino de Geografia eficaz na educação básica.

É necessário também os conhecimentos voltados as questões pedagógicas, principalmente na atual conjuntura política, social, econômica e educacional em que o nosso país está vivendo. Estamos diante de mudanças significativas no cenário educacional brasileiro. Atualmente estamos em processo de implementação de uma BNCC em todo o país, por isso a importância em compreender não somente as questões metodológicas, mas também as questões gerais da área da educação que impactam a vida do professor e do aluno na escola.

Pensando no elo entre as duas dimensões, destaca-se a importância da organização de uma sequência didática.

Considerando que o principal objetivo da Geografia é fazer com que o estudante compreenda o mundo do presente, apresentaremos uma proposta de sequência didática – SD com base na construção do raciocínio geográfico pautado nos eventos e lugares segundo o pensamento de Milton Santos.

4.2.1 Proposta 1 – Empresas Multinacionais

Habilidade: (EF08GE07) Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.

Situação geográfica: Qual o papel das empresas multinacionais no Brasil?

Possibilidades teóricas dessa situação geográfica:

Esta situação geográfica nos possibilita realizar uma diversidade de abordagens geográficas com base nos eventos e lugares. Ou seja, essas abordagens podem ser realizadas a partir de diferentes conteúdos geográficas.

Para iniciar as discussões sobre essa temática em sala de aula é necessário problematizar o assunto.

Problematizações possíveis:

O que é uma empresa multinacional?

Quais são as empresas multinacionais que vocês conhecem?

Quais objetos da sala de aula são de empresas multinacionais?

Quais são as empresas multinacionais instaladas em nosso município?

Por quais motivos utilizamos celulares de marcas estrangeiras ao invés de utilizarmos celulares de marcas nacionais como as marcas da positivo e multilaser?

Quais os benefícios em ter empresas globais em nosso país?

Quais são os principais problemas em ter empresas multinacionais em nosso país?

Quais são as empresas multinacionais com sede no Brasil?

Onde estão instaladas essas empresas no Brasil?

De onde são as empresas multinacionais que possuem filiais no Brasil?

Essas problematizações auxiliam no início, meio e fim da aula. Elas possibilitam a reflexão sobre o mundo e os lugares. As perguntas nos ajudam a trabalhar diversos **eventos geográficos** em sala de aula, como por exemplo: chegada das primeiras empresas globais no Brasil; chegada das empresas multinacionais em sua cidade; construção de rodovias e aeroportos; ciclos econômicos do Brasil; concentração industrial; impacto ambiental; criação de empregos; crescimento dos desempregos no Brasil; acesso à tecnologia; indústria automobilística; instalação dos fastfoods pelo território nacional; modernização do campo.

Todos esses eventos são essenciais para compreensão do papel das multinacionais no Brasil. Esse assunto colabora para relação entre lugar e mundo em todas as questões e abordagens de eventos.

Por outro lado, quais são os princípios geográficos que podemos abordar em sala de aula? **Princípios geográficos:** analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, ordem e localização. De que maneira? Exemplo: localizar as indústrias dessas empresas globais em nosso país; localizar as lojas instaladas em nosso município; localizar a sede dessas empresas globais; analisar a distribuição de filiais de empresas globais brasileiras; diferenciar diferenciação do preço do dólar em diversos países; diferenciar os objetos produzidos pelas empresas globais no Brasil e em outros países do mundo, etc.

Uma outra potencialidade dessa construção de SD é a possibilidade em trabalhar as categorias de análise do espaço geográfico destacado na teoria de Santos (1985). **forma:** nessa categoria podemos abordar os aspectos visíveis das transformações da paisagem do município, do Estado e/ou do Brasil causadas a partir da instalação e comercialização das empresas multinacionais; utilizar representações cartográficas (mapas de localização dessas empresas, imagens do nosso de objetos utilizados em nosso cotidiano, músicas que abordam a mudança de relações sociais principalmente com a chegada das empresas multinacionais de comunicação); com isso possibilita-se também articular os princípios do raciocínio geográfico, principalmente no que tange a distribuição, localização e diferenciação.

Uma outra categoria é a **função**: essa categoria possibilita a compreensão da forma. Função e forma estão intimamente ligadas. A função corresponde a ação sobre o evento, como por exemplo a construção de um aeroporto, que é considerado um evento que se constitui em uma forma, portanto possui a função de potencializar o fluxo de pessoas e objetos. Portanto, a função é um importante instrumento para esse mundo global.

A categoria **estrutura**: organização estrutural das formas e da rede. É a ligação entre as formas que modificaram as estruturas econômicas, sociais e educacionais com base nos eventos geográficos vinculados as empresas multinacionais.

Uma categoria importante nessa totalidade é o **processo**: corresponde ao aspecto temporal de formação da rede de transporte, da transformação da paisagem, das constituições de lugares. Essa categoria pode ser entendida como o aspecto de movimento dessa totalidade que resulta em uma constante transformação. Ou seja, por ela podemos analisar de forma temporal as modificações causadas pela instalação das empresas globais em nosso país.

Possibilidades práticas

Abordagem teórica com base em todas as problematizações elencadas acima:

Utilização de projetor para apresentar slides que possam contribuir com o debate sobre o referido tema que é “Empresas Multinacionais”.

Fazer uma roda de conversa sobre o papel das empresas globais nos países desenvolvidos e nos países subdesenvolvidos.

Apresentar mapas digitais para entender as lógicas globais.

Refletir sobre o impacto dessas empresas em nossas vidas cotidianas.

Atividade:

Um importante instrumento para educação hoje é a tecnologia, e essa ferramenta não deve se ausentar das nossas práticas pedagógicas, principalmente pós o período de ensino remoto e híbrido vivenciados durante o período de pandemia.

Uma plataforma que colaborou durante o período de pandemia foi o Kahoot, que é uma plataforma de aprendizado educacional baseado em jogos.

Uma possibilidade então é a sua utilização para compreensão de qualquer conteúdo, mas que nesse caso é sobre as empresas globais. A figura 1 apresenta um template de uma atividade da plataforma Kahoot que favorece o entendimento da localização das principais empresas globais que atuam no Brasil.

Figura 1: Kahoot – Empresas Multinacionais

The screenshot shows a Kahoot! quiz interface. On the left, there is a world map with various multinational company logos overlaid. Below the map, the title 'Empresas Transnacionais' is displayed, along with '7 jogos - 23 jogadores' and buttons for 'Iniciar', 'Atribuir', and 'Praticar'. A section titled 'Kahoot em andamento' shows four active quizzes. The main area contains six quiz questions, each with a 20-second timer and a 'Mostrar respostas' button. The questions and their corresponding answer images are:

- 1 - Quiz: Qual país de origem da John Deere? (Answer: JOHN DEERE logo)
- 2 - Quiz: Qual país de origem da Ford? (Answer: Ford logo)
- 3 - Quiz: Qual país de origem da Chevrolet? (Answer: CHEVROLET logo)
- 4 - Quiz: Qual país de origem da Subway? (Answer: SUBWAY logo)
- 5 - Quiz: Qual país de origem da Fiat? (Answer: Fiat logo)
- 6 - Quiz: Qual país de origem da Samsung? (Answer: SAMSUNG logo)

Fonte: acervo do autor

Esse jogo educativo possibilita compreender a localização das sedes das empresas globais. Além disso, favorece a compreensão de diversos aspectos da globalização, por exemplo, podemos discutir os motivos para que grande parte das empresas multinacionais são de origem dos Estados Unidos, Europa, Japão e Coreia do Sul.

A potencialidade desse debate nos leva a compreender o funcionamento do mercado global. Portanto, com auxílio desta plataforma podemos diversificar o debate relacionado ao papel das multinacionais pelo Brasil e mundo de forma significativa. Ou seja, essa proposta é uma das possibilidades em construir o raciocínio geográfico a partir dos eventos e lugares, correlacionando com as categorias de análise do espaço, utilizando os princípios geográficos, favorecendo a argumentação, investigação e a resolução de problemas de forma crítica e criativa.

4.2.2 Proposta 2 – Eventos Geográficos

Esta é uma proposta que podemos utilizar com base em qualquer habilidade da BNCC do ensino fundamental anos finais. Ela possui a potencialidade em entender os eventos geográficos a partir das quatro principais perguntas geográficas: Onde? Quando? Por quê? Como?

Além das possibilidades em responder as perguntas geográficas, a proposta baseia-se nos princípios geográficos para compreensão da totalidade do fenômeno a partir da reflexão das categorias espaciais de forma, função, estrutura e processo.

Atividade:

Escolha quatro eventos geográficos que você gostaria de compreender melhor. Podem ser eventos de escala local, regional, nacional ou global.

1) Descrevam os eventos geográficos e justifique suas escolhas.

Nesta etapa o aluno deverá descrever os eventos geográficos escolhidos por eles e justificar de forma clara as escolhas em abordar esses eventos. (Exemplo: Pandemia da Covid-19 – escolhi este evento geográfico por se tratar de um tema de impacto global).

1º Evento Geográfico

2º Evento Geográfico

3º Evento Geográfico

4º Evento Geográfico

2) Onde ocorreram esses eventos geográficos?

Neste momento o aluno deverá citar em qual localização ocorreram os eventos geográficos. Exemplo: (Pandemia da Covid-19 – Local? Brasil). Nesta etapa o aluno destaca a localização do evento, se o evento for de escala mundial, o estudante poderá escolher a escala de análise.

1º Evento	
2º Evento	
3º Evento	
4º Evento	

3) Quando ocorreram esses eventos geográficos?

Nesta pergunta o estudante irá citar a data de ocorrência dos eventos: dia, mês, ano, década e/ou século. Exemplo: (Coronavírus: 2020, 2021 e 2022).

1º Evento	
2º Evento	
3º Evento	
4º Evento	

Como aconteceram esses eventos geográficos?

Nesta pergunta o aluno irá relatar os acontecimentos deste evento, ou seja, este será um momento de descrever as causas e efeitos do evento geográfico escolhido. Exemplo: (Pandemia da Covid-19: mortes em larga escala, problemas nos sistemas

de saúde, desempregos em massa, crescimento das desigualdades sociais e educacionais, aumento das doenças psicológicas).

1º Evento	
2º Evento	
3º Evento	
4º Evento	

4) Por quê ocorreram esses eventos geográficos?

Nesta etapa o estudante deverá descrever os motivos que levaram a acontecer esse evento geográfico, ou seja, as origens desse evento. Exemplo: (Pandemia Covid-19: Origem na China, dispersão em rápida velocidade, aglomerações, fluidez de pessoas pelo mundo).

1º Evento	
2º Evento	
3º Evento	

4º Evento	

5) Escolha UM dos quatro eventos acima e responda no espaço abaixo. O evento escolhido ocorreu somente no local descrito acima? Se não, diferencie o evento descrito por você e o evento que ocorreu em outra localização ou/e em outro período.

Nesta etapa o estudante deverá realizar uma comparação entre os eventos em outras localizações e/ou em outros períodos. Exemplo: (Pandemia da Covid-19 – ela ocorreu em todo o mundo, ela ocorreu aqui no Brasil e também na Nova Zelândia, aqui foi bem diferente desse país da Oceania, lá ocorreram outras medidas de prevenção que resultou em um pequeno número de infecções e mortes).

Qual Evento você escolheu?	
Qual outra localização e/ou período ocorreu este evento?	
Quais são as principais relações e diferenças entre esses dois eventos geográficos?	

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho buscamos refletir sobre os eventos e lugares na construção do raciocínio geográfico. Para isso utilizamos como principal fonte teórica o Professor Milton Santos. Em vida este autor escreveu diversos livros que contribuíram significativamente para desenvolvimento dessa pesquisa. Os principais conceitos abordados nesta dissertação foram: espaço geográfico, evento, situação geográfica, lugar, mundo, processo, estrutura, função, forma, raciocínio geográfico que tiveram como principal referência Santos (1996).

Nesse sentido, evidenciamos de forma teórica e prática que a construção do raciocínio geográfico na escola é possível. Especificamente por meio da interpretação dos eventos geográficos que nos mostrou um potencial instrumento metodológico nas aulas de Geografia. Sobretudo, a partir das situações geográficas que revelam os eventos nos lugares a partir de sua relação com o mundo.

O texto buscou apresentar uma relação sólida entre espaço geográfico, evento, situação geográfica, lugar e mundo. Esta relação se faz necessária para compreensão da totalidade em qualquer análise geográfica da realidade. Por ser uma proposta ousada de elo teórico, defendemos que para uma educação geográfica significativa na escola é importante desvendar as mais diversas situações geográficas.

A Geografia tem como principal objetivo a compreensão do mundo do presente. Para atingir este objetivo é essencial a participação mais ativa dos alunos por meio de metodologias que faz do estudante um protagonista no processo de ensino-aprendizagem.

Um outro fator importante na educação geográfica é a relevância domínio do conhecimento geográfico por parte dos professores ligado ao domínio de práticas pedagógicas que busque incentivar a argumentação, investigação e a resolução de problemas.

As propostas didáticas foram construídas tendo como principal fonte investigativa o ensino de geografia pautado na interpretação dos eventos geográficos. Essas propostas apresentaram duas maneiras de ensinar completamente vinculadas

ao intuito de fazer com que o estudante compreenda esse mundo perverso e contraditório em que estamos vivendo.

Ao final evidenciamos que o elo entre teoria e prática nesse trabalho são necessárias e possíveis de serem construídas em sala de aula. Ou seja, a dissertação apresentou uma vinculação entre educação geográfica e a teoria de Milton Santos. Essas aproximações entre educação geográfica e Milton Santos demonstraram que as contribuições desse autor são de suma importância para serem discutidas no âmbito do ensino de Geografia da academia, para que esse alinhamento chegue com mais intensidade na educação geográfica praticada na escola.

As mudanças ocorridas nos últimos anos apontam a necessidade de uma renovação do que é ensinado na escola por grande parte dos professores. Ou seja, o atual ensino de Geografia necessita de reflexão, ação e mudança de postura para que tenhamos uma luta eficaz pela continuidade dessa ciência na educação básica.

Portanto, esta dissertação apresentou a necessidade de mais atenção aos elos teóricos discutidos neste trabalho. Sobretudo, porque acreditamos que o ensino de Geografia deva fazer com que o estudante compreenda o mundo do presente e que esse estudante possa projetar um futuro com melhores possibilidades.

Por fim, destaca-se a potencialidade de uma educação geográfica com base nos princípios teóricos de Milton Santos. Ou seja, a relação entre eventos, lugares e mundo são essenciais para construção do raciocínio geográfico na escola. Pois, esse repertório teórico e metodológico contribui para formação de um cidadão livre, solidário, ético.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Mariana Vercesi de; RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Desigualdade, situação geográfica e sentidos da ação na pandemia da COVID-19 no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00208720, 2021.
- ARAÚJO, Markelly Fonseca de. **A revolução do lugar: contextos da guerra da informação na megalópole**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2020.
- BERNSTEIN, B. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Tradução de T. T. Silva e L. F. G. Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996. 307p.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental**. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. MEC/Secretaria de Educação Básica. Brasília: 2018, 600p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em 09 de Jul. 2020.
- CARLI, Eden Correia. **Prática Argumentativa no Ensino de Geografia: Um estudo a partir do conceito de território**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, UNIFESP, Guarulhos, 2017.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.
- CALLAI, Helena Copetti. O conhecimento geográfico e a formação do professor de Geografia. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, 2011. Disponível em: Acesso em: 20 jan. 2021.
- CALLAI, Helena C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 12. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017, p. 71-114.
- CALLAI, Helena Copetti. O lugar e o ensino aprendizagem de geografia. In: Garrido, Marcelo. (Org.). **La Espesura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo escolar**. Santiago: Ediciones Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009, v. 1, p. 171-190.
- CALLAI, Helena Copetti ; CASTELLAR, S. M. VANZELLA ; CAVALCANTI, L. S. . Lugar e Cultura Urbana: um estudo comparativo dos saberes docentes no Brasil. **Terra Livre**, v. 1, p. 91-108, 2007.
- CARLOTO, Denis Ricardo. **Por uma federação de lugares da desigualdade a solidariedade**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.
- CARVALHO, A. M. P. O ensino de ciências e a proposição de sequências de ensino investigativas. In: CARVALHO, A. M. P. (Org.) **Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

CARVALHO, A. M. P. Fundamentos teóricos e metodológicos do ensino por investigação. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 18, n. 3, p. 765-794, 2018.

CASTELLAR, Sonia; MORAES, Jerusa, Vilhena. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella . Raciocínio geográfico e a teoria do reconhecimento na formação do professor de geografia. **Revista Signos Geográficos: Boletim NEPEG de Ensino de Geografia**. Goiânia, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/59197>>. Acesso em: 23/08/2020.

CASTELLAR, S. M. V. Cartografia escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 207–232, 2017. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/494>. Acesso em: 22 set. 2021.

CASTELLAR, S. M. VANZELLA; MORAES, J. V. ; SACRAMENTO, Ana Claudia R. Jogos e Resoluções de problemas para o entendimento do espaço geográfico no ensino de Geografia. In: Helena Copetti Callai. (Org.). **Educação Geográfica: reflexão e prática**. 1ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011, v. 1, p. 249-276.

CASTELLAR, S. M. V.; JULIASZ, P. C. S. Educação Geográfica e Pensamento Espacial: conceitos e representações. **ACTA Geográfica**, p. 160–178, 2017. Boa Vista, Edição Especial. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/4779i>.

CASTELLAR, S. M. V.; DE PAULA, I. R. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 294–322, 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/922> . Acesso em: 18 set. 2021.

CATAIA, Márcio Antonio; RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Análise de situações geográficas: notas sobre metodologia de pesquisa em geografia. **Revista da ANPEGE**, [S.l.], v. 11, n. 15, p. 9-30, jul. 2017. ISSN 1679-768X. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6445>>. Acesso em: 25 set. 2020

CAVALCANTI, L. S. A educação Geográfica e a formação de conceitos: a importância do lugar no ensino de Geografia. In: GARRIDO, Marcelo. (Org.). **La Espesura del Lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo Educativo**. Santiago: Ediciones Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009, v. 1, p. 135-151.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Para onde estão indo as investigações sobre o ensino de Geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. **Boletim Goiano de Geografia**. V. 36, N. 3, Goiânia: set/dez. 2016. Disponível em <https://doi.org/10.5216/bgg.v36i3.44546> Acesso em 27 de outubro de 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

COUTO, Elisângela. **As modernizações e racionalidades na agricultura e o uso do território: temporalidades e espacialidades no município de Ibiúna (SP)**. Dissertação

(Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de., GOMES, Paulo César da Costa., CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.15-47.

DAVID, Virna Carvalho. **Território usado e circuito superior marginal: equipamentos médico-hospitalares em Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto (SP)**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DUARTE, R. G. **Educação geográfica, cartografia escolar e pensamento espacial no segundo segmento do Ensino Fundamental**. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

FARIA, Carlos Eugênio de. **Os Eventos Geográficos e a Expansão Urbana de Caicó: Desigualdades e Coexistências na Urbe**. 2010. IFRN, Natal, 2011. p.104.

FEITOSA, Luciana da Costa. **Política de Saúde e Política Nacional de Desenvolvimento Regional: o conflito político-institucional da região no Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de São Paulo. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2018

FERRAZ, A. T., SASSERON, L. H. Propósitos epistêmicos para a promoção da argumentação em aulas investigativas. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 22, n. 1, p. 42-60, 2017.

FIORI, Vivian. **As condições dos cursos de licenciatura em Geografia no Brasil: uma análise territorial e de situação**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GOMES, PAULO C.C. **O lugar do olhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, P. C. C. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GUIMARÃES, R. B. et al. O raciocínio geográfico e as chaves de leitura da Covid-19 no território brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 119-140, ago. 2020.

KATUTA, A. M. e SOUZA, J. G., **Geografia e conhecimentos cartográficos**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

LACOSTE, Y. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

LEITE, Cristina Maria Costa; BARBATO, Silvine. Reflexões sobre a construção do conceito de lugar na escola contemporânea. **Revista Espaço e Geografia**, v. 14, n. 2, 2011.

LENDE, Sebastián Gómez. Tiempo y espacio, período y región. reflexiones teóricometodológicas. **Geosul**. Florianópolis: UFSC, v. 21, n. 42, p 137-161, jul./dez. 2006.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. O conhecimento pedagógico do conteúdo na prática profissional de professores de geografia. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/79809>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP – Espaço e Tempo**. São Paulo, n. 21, p. 33-51, 2007.

MARTINS, Elvio R. O pensamento geográfico é geografia em pensamento? **GEOgraphia**, ano. 18, n. 37, 2016.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. Annablume, 2005.

MORAES, Jerusa Vilhena de. **A alfabetização científica, a resolução de problemas e o exercício da cidadania: uma proposta para o ensino de geografia**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

PEREIRA, Carolina M. R. B. Um mundo de aproximações geográficas com a obra de Chico Buarque: música, linguagem e pensamento geoespacial. **Boletim Paulista de Geografia**. Edição especial: I Encontro Internacional de Cartografia Escolar e Pensamento Espacial. São Paulo (2018).

PINHEIRO, Antonio Carlos. **O ensino de Geografia no Brasil – Catálogo de dissertações e teses (1967-2003)**. Goiânia: Editora Vieira: 2005.

QUINCAS, A. L. do N.; LEÃO, V. de P.; LADEIRA, F. F. Construção do Raciocínio Geográfico: conceitos e práticas na escola. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 8, n. 16, p. 112–129, 2019. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/548>. Acesso em: 12 fev. 2021.

RISSETTE, Márcia Cristina Urze. **Pensamento espacial e raciocínio geográfico: uma proposta de indicadores para a alfabetização científica na educação geográfica**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017

RIZZATTI, Helena. **Urbanização corporativa vista pelo avesso: periferização, interseccionalidade e lugar - uma análise a partir das ocupações de terras urbanas**. 2020. 391 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.

RODRIGUES, Edmilson Brito. **Território e soberania na globalização: Amazônia, jardim de águas sedento**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Ana Carolina Roman. **A argumentação no ensino de Geografia**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROQUE ASCENÇÃO, V. de O.; VALADÃO, R. C. COMPLEXIDADE CONCEITUAL NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DO CONTEÚDO POR PROFESSORES DE GEOGRAFIA. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 05–23, 2018. DOI: 10.46789/edugeo.v7i14.458. Disponível em:

<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/458>. Acesso em: 08 nov. 2021.

ROQUE ASCENÇÃO, V. de O.; VALADÃO, R. C Professor de Geografia: entre o estudo do conteúdo e a interpretação da espacialidade do fenômeno. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, v.18, n.496(3), p.1-14, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/txWdfR>>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

ROQUE ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira; VALADÃO, Roberto Célio; SILVA, Patrícia Assis da. Do uso pedagógico dos mapas ao exercício do Raciocínio Geográfico. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 99, p.34-51, 2018. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/viewFile/1465/1378>> Acesso em: 14 junho 2020.

ROQUE ASCENÇÃO, V. de O. . A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A PRODUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR:: desdobramentos na formação docente. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 173–197, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i19.915. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/915> Acesso em: 11 set. 2021.

SANTOS, Milton. O Lugar: Encontrando o Futuro. **Rua Revista de Arquitetura e Urbanismo**, BAHIA, v.4, n.1, p. 34-39, 1996. <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua>

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao Lugar**. 1º ed., 3º reimpr., São Paulo: Edusp, 2014a.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª ed., 2ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2014b.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. 9ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.

SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. Globalização e Geografia: a compartimentação do espaço. **Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente: AGB**, n. 18, p. 5-17, 1997.

SANTOS, Maria Francineila; SOUTO, Xosé Manuel. A Educação Geográfica em construção. **Terra Livre**, v. 1, n. 46, p. 79-113, 2018. Disponível em: Acesso em: 22 mar. 2021.

SASSERON, L. H. Uma análise dos referenciais teóricos para estudo da argumentação no ensino de ciências. **Ensaio: pesquisa em educação em ciências**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 243-262, 2011

SCARPA, D. L.; SASSERON, L. H.; SILVA, M. B. da. O Ensino por Investigação e a Argumentação em Aulas de Ciências Naturais. **Tópicos Educacionais**, Recife, v. 23, n. 1, jan/jun, 2017, p. 7-27.

- SHULMAN, Lee. Those who understand: knowledge growth in teaching. *Educational Researcher*, Washington, v.15, n. 2, p. 4-14, 1986.
http://www.fisica.uniud.it/URDF/masterDidSciUD/materiali/pdf/Shulman_1986.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.
- SHULMAN, Lee. *Teaching as community property: Essays on higher education*. San Francisco: Jossey-Bass, 2004. 272p.
- SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, v. 6, n. 6, p. 21-28, 1999.
- SILVEIRA, Maria Laura. Totalidade e fragmentação: o espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino. In Santos, Milton et al. **Fim de século e globalização**. São Paulo, Hucitec, 1993.
- SILVEIRA, María Laura. Escala geográfica: da ação ao império? **Terra Livre**, v. 2, n. 23, p. 87-96, 2004.
- SILVEIRA, M. L. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73991>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- SILVEIRA, M. L. Geografia e mundo contemporâneo: pensando as perguntas significativas. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 205-219, 2012.
- SOUZA, Livia Reis Dantas de. **Potencialidades do conceito de território e da argumentação para a formação cidadã em aulas de geografia**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A GEOGRAFIA E O CONHECIMENTO DO MUNDO. **Geosul**, v. 9, n. 18, p. 118-124, 1994.
- SOUZA, M. A. A. A geografia da solidariedade. **GeoTextos**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 171-178, 2006.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida. Meio ambiente e desenvolvimento sustentável. As metáforas do capitalismo. **Revista Cronos**, v. 10, n. 2, 2009.
- SOUZA, M. A. A. de. Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: ensaio geográfico sobre o espaço banal. **PatryTer**, [S. l.], v. 2, n. 4, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/26485>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida. Um aluno, um caminho percorrido, uma estrada construída juntos. **Geoiंगा: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, v. 10, n. 2, p. 4-19, 2018.
- SOUZA, Maria Adelia . Desigualdades socioespaciais e a constituição dos lugares na cidade: o territorial versus o setorial e suas contradições Lidando cotidianamente com conflitos socioespaciais. In: Flamarion Dutra Alves; Sandra de Castro Azevedo; Estevan Leopoldo de Freitas Coca; Ana Rute do Vale. (Org.). **A dimensão política do espaço. Conflitos e**

desigualdades territoriais na sociedade contemporânea. 1ed. Alfenas MG: UNIFAL - MG, 2019, v. 1, p. 9-37.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências: Campinas, 2001.

STRAFORINI, Rafael. O ensino da Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152621>>. Acesso em: 04 agosto 2020.

VASCONCELOS, Santiago Andrade. **Região, globalização e meio técnico-científico-informacional:** modernizações, horizontalidades e verticalidades na região do Seridó paraibano e potiguar na transição do século XX ao XXI. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.